



www.saopaulofc.net

são paulo

LUIS GUSTAVO

O ator fala do Tricolor e relembra os tempos de ouro do futebol brasileiro

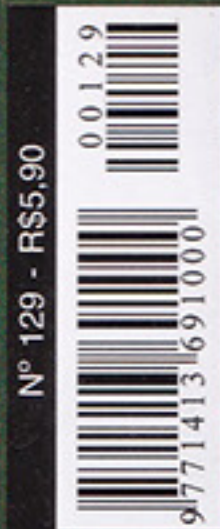
E MAIS

Rogério Ceni
Christian
Leandro Bomfim
Richarlyson
Pintado

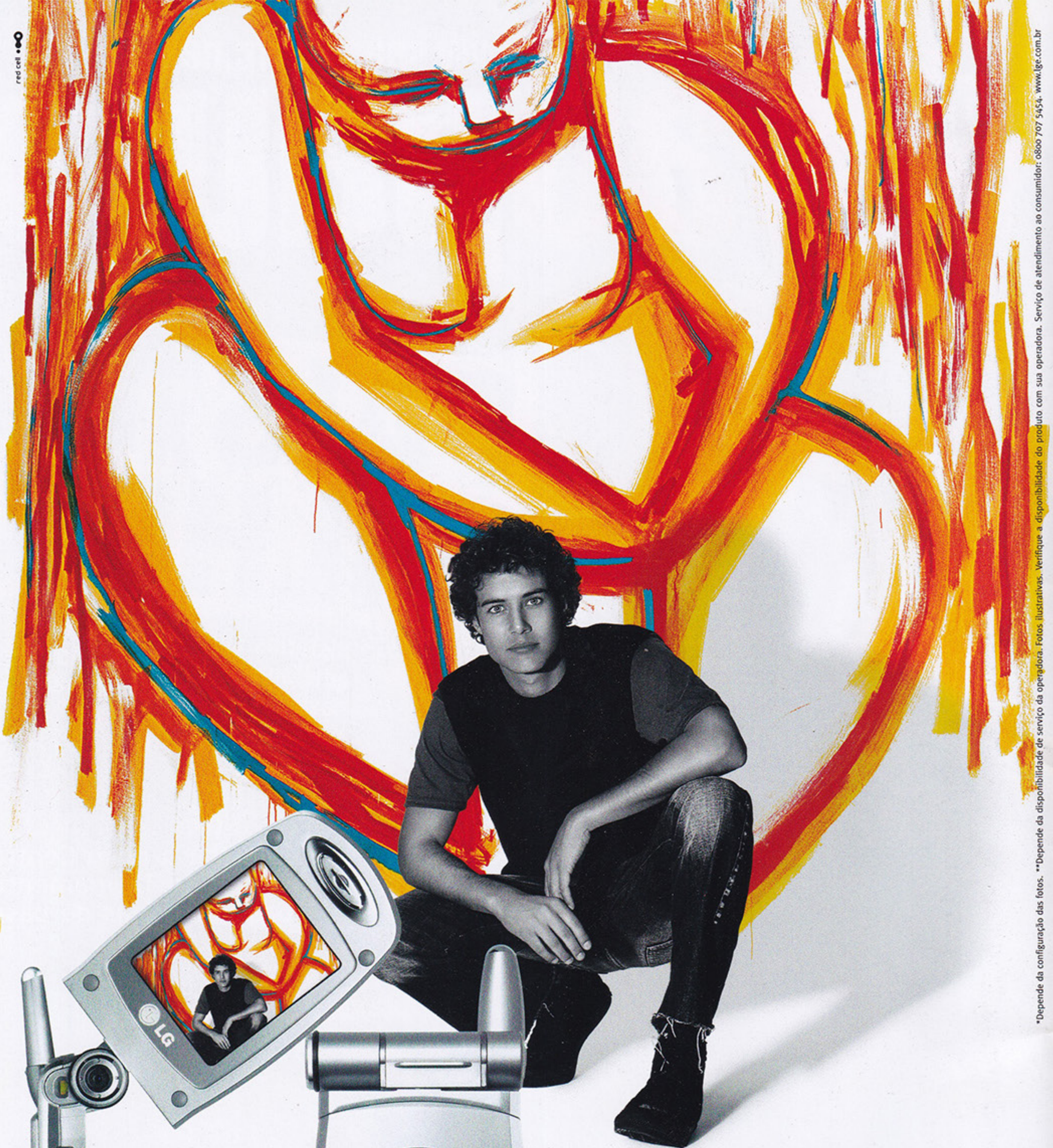
PAIS x FILHOS

Histórias curiosas de crianças que, apesar de terem tudo em casa para torcer por outros times, escolheram o São Paulo

USINA DE CRAQUES
Conheça o novo Centro de Treinamento das categorias de base



MUNDIAL INTERCLUBES PANORAMA COMPLETO SOBRE A COMPETIÇÃO



Pare de dizer quem você é.
Mostre.



G7100. Você com liberdade de expressão.

Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.

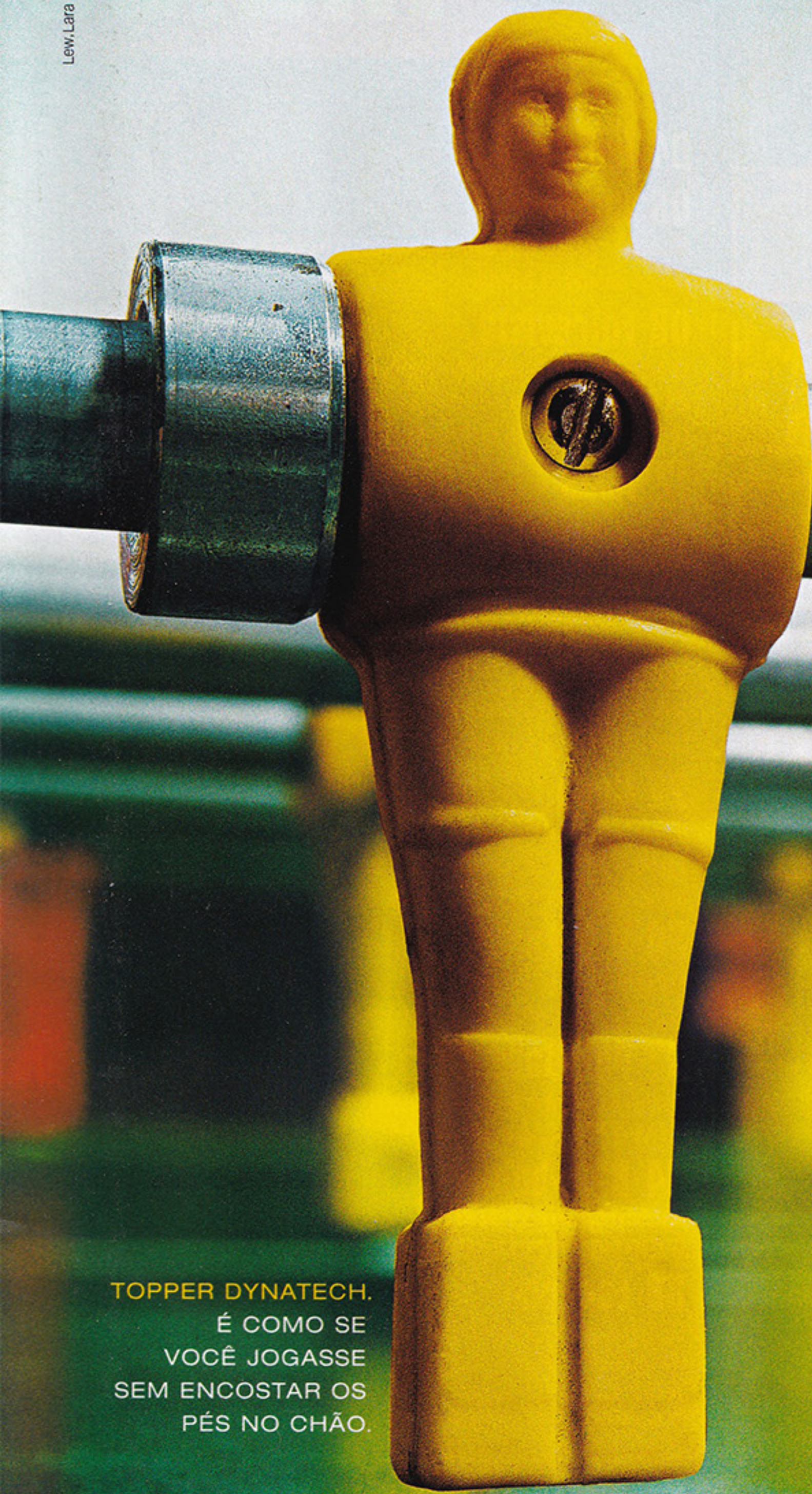


*Depende da configuração das fotos. **Depende da disponibilidade de serviço da operadora. Verifique a disponibilidade do produto com sua operadora. Serviço de atendimento ao consumidor: 0800 707 5454. www.lge.com.br



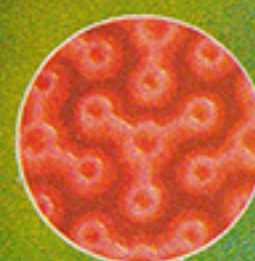
TOPPER

FUTEBOL É COISA SÉRIA



TOPPER DYNATECH.
É COMO SE
VOCÊ JOGASSE
SEM ENCOSTAR OS
PÉS NO CHÃO.

Dynatech.
A tecnologia
antiimpacto
da Topper.



REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO

Presidente do Conselho Deliberativo

Affonso Renato Meira

Vice-presidente do Conselho Deliberativo

Ataide Gil Guerreiro

Presidente do Conselho Consultivo

José Augusto Bastos Neto

Presidente do Conselho Fiscal

Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Vice-presidente da Diretoria Executiva

Ademar de Barros

EXPEDIENTE

Revista Oficial do São Paulo Diretoria de Comunicações

Diretor Responsável

Jorge dos Santos Afonso

Jornalista Responsável

Cinthia S. Gagliardi Mtb 29875

Editor

Carlos Mesquita

Secretária de redação

Fernanda Lupo (produção)

Reportagem

Fernando Savaglia e Ana Paula Andrade

Colunistas

Affonso Renato Meira, Guaracy Souza Sampaio e Paulo Planet Buarque

Colaboração

Alessandro Gonçalves, Felipe Espíndola, Juca Pacheco, Guilherme Almeida, Malú Souza, Rafael Furugen e Raul Snell Jr.

Fotógrafo

Rubens Chiri/Perspectiva

Imagem de capa

Tatyana Alves

Arte

André Cavallini, Celso Andrade, Daniela Salvador, Diego Marcato, Gustavo Peron, Marcelo Campos e Rogério C. Macadura

Ouvidor

José Alfredo Madeira Simões
ouvidor@saopaulofc.net

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo
Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01
Cep 05653 - 070
Telefone 0xx11 3749-8000
(Publicação Bimestral)

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda
Fone: (0xx11) 3839-2770

Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



04 Índice

06 Imagem

Souza: gols e boas apresentações para lavar a alma

08 Entrevista

O ator Luis Gustavo em conversa descontraída a respeito de São Paulo e seleção

12 Telão

Frases espirituosas sobre o clube do Morumbi

14 Perfil

Mineiro fala de futebol e diversão

18 História

Um panorama do Mundial Interclubes, agora revigorado

22 Capa

Casos de filhos que optaram pelo Tricolor mesmo tendo pais que torciam por outras equipes

30 Homenagem

Rogério Ceni bate recorde e ainda atravessa excelente fase

32 Por Onde Anda

O ex-volante Pintado, que, com o SPFC, ganhou tudo

34 Bate-bola

Richarlyson, Leandro Bomfim e Christian revelam perspectivas

38 Especial

Conheça o Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel

42 Jogo a jogo

Fichas técnicas do Brasileirão

46 Notícias Tricolores

Paulo Planet Buarque, Affonso Renato Meira, Reebok, Juvenil no Japão, Ranking da IFFHS, Jair Rosa Pinto...

50 Crônica

Guaracy Sampaio explica o que é pepino

Editorial



O fascinante poder do futebol

Que o futebol é pura paixão, todo mundo sabe. Afinal, apenas ele, entre tantos outros esportes, tem a capacidade de despertar sentimentos tão extremos em questão de segundos. Por mais comedido, qualquer torcedor está sujeito a essas oscilações arrebatadoras, que mexem com o monstro e a criança que convivem juntos dentro de cada um de nós. E isso talvez porque, em todos os campos do mundo, nada respeite a lógica, a matemática. Ela serve bem a placares, cronômetros, classificações e sistemas táticos. Não a muito mais que isso, uma vez que o futebol deve ser regido, no seu íntimo, pela gramática. Que, embora tão cheia de regras, traz inúmeras exceções, exatamente como no planeta bola, no qual situações que contrariam o que seria natural acontecem a cada partida. Nem sempre o artilheiro faz gol, o goleiro defende e o melhor vence. A história está repleta de zebras incríveis e casos impressionantes. Basta nela mergulhar.

E foi exatamente com esse espírito que a **Revista Oficial do SPFC** correu atrás de uma questão divertida e, até certo ponto, polêmica para produzir a reportagem de capa. Sabendo da rivalidade entre o Tricolor e seus principais oponentes no Estado, nossa equipe saiu à caça de patriarcas que, mesmo sendo torcedores de Palmeiras, Corinthians e Santos, tiveram filho (s) são-paulino (s). Até parece castigo. Mas, assim, os deuses do futebol quiseram.

O ator Luis Gustavo, nossa entrevista de páginas amarelas, também revela como driblou os encantos do Rei Pelé - que viu iniciar carreira - e a influência do pai - admirador da equipe do Parque São Jorge - em nome da beleza do jogo de Sastre, Luizinho, Leônidas, Remo e Teixeira. Se esses são nossos pratos principais, o menu traz mais iguarias, como o pouco convencional goleiro-artilheiro Rogério Ceni, o polivalente Mineiro, o ex-volante Pintado e a nova usina de craques são-paulinos, construída em Cotia com tudo que há de mais moderno. Por fim, fizemos uma prévia do Mundial Interclubes. Esperamos que você, caríssimo tricolor, tenha uma leitura agradável. E que consiga deixar a ansiedade em segundo plano, pelo menos enquanto dezembro não chega. Até lá!

FEITOS QUE O TEMPO NÃO APAGA

O tempo passa rapidamente, mas os feitos ficam para a posteridade. E, definitivamente, 2005 é um ano que jamais sairá da memória dos são-paulinos. Fomos, até o momento, campeões da Libertadores e do Campeonato Paulista. Além dos títulos, inauguramos o Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel, uma de nossas maiores conquistas, tão relevante quanto a construção de nosso glorioso Estádio do Morumbi, como já havíamos registrado neste mesmo espaço na edição passada. O período está sendo ótimo, com balanço extremamente positivo. Nem mesmo as discussões e polêmicas geradas em virtude da anulação de algumas partidas do Campeonato Brasileiro foram capazes de estragar nosso clima, esmorecer nossos ânimos, pois, há muito, definimos nossos focos e neles nos mantemos concentrados, aconteça o que acontecer. Estamos seguindo firmes no nacional e, daqui a pouco, quando dezembro chegar, atravessaremos o globo em busca de mais um título, o do Mundial Interclubes. Sonho das grandes, médias e pequenas agremiações do planeta bola e desejo de todos os torcedores, o torneio passou por mudanças. Se antes apenas os campeões das Américas e da Europa se encontravam no Japão, agora a competição passará a contar com representantes de todos os continentes, o que apimentará ainda mais o certame. Com todas as suas forças, o São Paulo Futebol Clube irá disposto a trazer mais essa taça para o Morumbi. Espero que, na próxima edição, possamos comemorar e encerrar mais um ano de trabalho com chave de ouro.

Um grande abraço!

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa
Presidente



Imagens





PARA LAVAR A ALMA

Houve uma época em que Souza andava meio triste, pois não conseguia emplacar seu futebol. Com a chegada de Paulo Autuori, porém, a situação do atleta começou a mudar. Em algumas partidas, com Cichinho servindo à seleção nacional, Souza foi improvisado na lateral-direita. E surpreendeu. Teve seqüência de boas apresentações e ainda marcou gols. Na Argentina, diante do River Plate, pela Libertadores, desequilibrou. Jogou muita bola e foi um dos responsáveis diretos pela vitória são-paulina. Na foto, sob intensa chuva, o meia aparece comemorando um tento sobre o Internacional de Porto Alegre, no Morumbi. Como diz a sabedoria popular, foi um banho para lavar a alma e mandar a urucubaca embora. De vez!



ALEGRIA, ALEGRIA
Torcedor
tricampeão das
Américas

O ator LUIS GUSTAVO BLANCO viu em ação todos os craques do futebol brasileiro, mas foram os do São Paulo que o encantaram e o ajudaram a resistir ao talento de Pelé e à influência do pai, corintiano

Tricolor alto-astral

Por Carlos Mesquita

Luis Gustavo é um veterano mais do que reconhecido na arte de representar. Em seus muitos anos de estrada, fez trabalhos que marcaram a história da TV, do teatro e do cinema brasileiros. Seus papéis cativaram pessoas de diferentes gerações e, ainda hoje, são capazes de emocionar crianças, jovens e idosos. O que talvez nem todos saibam é que, por trás de seus personagens, sempre existiu um homem apaixonado por futebol, um coração são-paulino que jamais se esquecerá das proezas de Sastre, Leônidas, Luizinho, Remo e Teixeira.

Apesar da origem espanhola e do pai corintiano, Luis Gustavo não enveredou pelo que seria natural. Nem o talento de Pelé, que acompanhou desde os primeiros chutes, foi persuasivo o suficiente para abalar sua convicção. A admiração pelo São Paulo sempre foi mais forte. Mesmo desencantado com a atual conjuntura futebolística, por acreditar que o esporte predileto do País transformou-se em puro comércio, Luis não perde a empolgação quando fala de Rogério Ceni, Amoroso e Grafite. E a mantém quando o assunto é Mundial Interclubes. "Não vamos perder para o Liverpool nem que a vaca tussa", afirma, bem-humorado.

Embora não resguarde o entusiasmo de seus tempos românticos em relação à seleção brasileira, possui uma tese que conta em primeira mão neste espaço. "Ela tem de ser convocada, inclusive técnico, por meio de uma eleição", acredita. Adiante, Luis fala de uma porção de assuntos divertidos e interessantes, como ter vivido o palmeirense Alfredo Baragatti no filme *O Casamento de Romeu e Julieta*. "Procurava pensar mais na minha família, na minha filha, na minha mulher, na minha honra, no meu lar do que propriamente no Palmeiras. Era para suportar um pouco aquela situação meio desagradável (*risos*)."

O senhor disse que tem uma teoria sobre seleção brasileira. Que tal começarmos por ela?

É sobre isso que quero falar. Mas, antes, confesso que estou um pouco desiludido com o futebol. Porque virou cifrão, negócio, dinheiro. O São Paulo Fu-

tebol Clube ainda é uma entidade que me interessa. Que me dá um pouco de alegria, pois sou são-paulino desde que nasci. Acompanhei muito. Estou com 71 anos. Assisti ao Tricolor de Sastre, Leônidas, Luizinho, Remo e Teixeira. Sou de antes de Canhoto. Época do grande futebol brasileiro. Vi Pelé começar.

É um privilegiado...

No futebol, sim. Quando não transmitia, já que era cameraman, freqüentava o estádio com Erlon Chaves, maestro que trabalhava comigo na TV Tupi, grande amigo, são-paulino roxo também. Num domingo de folga, terminei indo a uma partida entre Santos e Portuguesa, algo assim. Erlon sugeriu que fôssemos. Eu não queria, mas ele insistiu: "Você tem mania de ir apenas quando o São Paulo joga". Respondi: "Não. Vou porque sou obrigado. Tenho de transmitir. Quando estou de folga, vou só se for para ver o São Paulo". Ele retrucou: "Dessa vez, você vai comigo porque quero mostrar-lhe um neguinho que vai jogar pela ponta-esquerda do Santos que nem idade tem para ser profissional". Na época, o tal do neguinho devia ter uns 15 anos. Era ninguém menos que Pelé. Vi coisas assim, mirabolantes. No futebol de hoje, dizem que (*Ronaldinho*) Gaúcho e (*Ronaldo*) Fenômeno são gênios. Mas figuras assim o futebol sempre teve. Vi Didi e Zizinho jogarem.

Viu ídolos de gerações que já até penduraram as chuteiras...

Todos. Não há o menor cabimento de um ídolo, atualmente, ganhar o que ganha. São excepcionais, sim. Mas é preciso entender que, no jornalismo, na dramaturgia, na interpretação, na pintura, em todos os setores, também existem grandes talentos. Na minha profissão, há jovens que são verdadeiros heróis. Poucos, entretanto, sobressaem, mesmo muitos sendo ótimos, pois a concorrência é demais. Agora, no futebol, é essa exorbitância. É cifrão para todos os lados. E a seleção, que um dia vai jogar na Arábia Saudita e, no outro, em Santa Rita do Passa Quatro? Sei lá por quê. Mas tem de levar Ronaldo Fenômeno, que é a Gisele Bündchen de calças. Tem de parar com isso. Quero ver Sastre jogar bola outra vez,

"A seleção é uma festa do povo. É o único time que ele tem. O resto são conflitos internos. Estão brincando com a maior paixão brasileira"

Leônidas dar aquela cabeçada. Quero ver Luizinho, Canhoto passar por dentro do cara. Porque ele atravessava o sujeito, como se estivesse no filme *Ghost*.

Essa conjuntura o afastou do futebol?

Fui me desinteressando. Já não vou a estádio. Lamento não ir aos grandes jogos do São Paulo. Mas também porque não moro na cidade e não tenho aquela agilidade de antigamente para subir a ladeira correndo. Estou com problema no joelho. Além disso, a TV é fantástica nesse sentido. Me dá todos os replays por vários ângulos. A propósito, tenho uma sorte espetacular quando estou nas arquibancadas. O São Paulo ganha por 1 a 0 com gol feito aos 42 do segundo tempo. Fico no estádio prestando atenção em tudo. Nem no intervalo tiro os olhos do gramado. Começa, então, o segundo tempo. E, bem na hora do lance que origina o gol, alguém atrás de mim fala alguma coisa. Viro para dar-lhe atenção. E pronto. É gol. Prefiro assistir em casa. No entanto, reconheço que a presença no estádio é fundamental. Sentir o calor humano, o ruído. Em época de Copa do Mundo, passo mal.

Já que falou de Copa, qual é sua tese sobre seleção?

Vamos a ela. Quem dá o direito a uma só pessoa de falar em nome do povo brasileiro? Não é questão de ser incompetente. Mas a seleção brasileira tem de ser convocada, inclusive técnico, por meio de uma eleição. Tem de ser um processo democrático. Não essa tirania que existe. Essa ditadura. E não é só no Brasil. Fora também acontece isso. Quem joga melhor: Ricardo Oliveira, Amoroso, Nilmar ou Fred? O povo é que tem de falar. Não precisa parar a nação. Deveriam ser cadastrados jornalistas com mais de dez anos de

profissão. Gente que tenha coberto, pelo menos, duas Copas. Cada Estado teria uma quantidade de representantes com direito de escolha. Temos até poetas na imprensa esportiva, como Armando Nogueira. Uma crônica dele parece Drummond. Evidentemente, alguém vai dizer que o pessoal da Bahia, por exemplo, escolheria atletas de lá. Não importa. Existem jornalistas que pensam no futebol brasileiro e não ligam para coisas desse gênero. Então votariam em um técnico, pois não me venha dizer que o Brasil está de acordo que o treinador seja Parreira. Poderia ser Vanderlei Luxemburgo, Leão, Levir Culpi. Sei lá. Convoquem Felipão. Ele é obrigado a vir, como um jogador que está no exterior. Na Copa passada, queriam Romário. Eu rezava para que ele não fosse chamado. Mas, entenda, sou imparcial nessas horas. Felipão deveria chamar Romário, sim, senhor. O povo queria. Se o time perde o título por causa desse erro, dane-se. Assim foi decidido. A seleção é uma festa do povo. É o único time que ele tem. O resto são conflitos internos. Estão brincando com a maior paixão brasileira. Confesso que, muitas vezes, já tive vontade de ver o time tomar um ou dois gols. Porque é aquele nariz empinado, aquele salto alto. Ninguém quer errar. Pára a bolinha e passa. Do contrário, Parreira bota para fora e chama outro. É um horror isso.

Há quanto tempo perdeu o entusiasmo de acompanhar a seleção?

Desde a época de Zico. Ele torcia a camisa, mas não ficava com aquela coisa de beijinho no distintivo. Pelé começou com um soco no ar, que era uma coisa olímpica, bonita. Depois, vieram muitos outros gestos. Um faz assim (*mostrando com os braços*) se o nenê nasceu. Outro beija a aliança.

A comemoração ficou comprometida?

Sim. Tudo. O futebol virou supermercado. Fulano custa 30. Sicrano, 15. Estava lendo uma reportagem no Estado de São Paulo que dava conta de que estão fazendo criação de avestruz para exportar a carne. É assim que está o nosso futebol. Vão promover campeonatos mirins para os gringos verem brasileiros de 8 ou 9 anos.

Há clubes estrangeiros interessados em montar escolinhas de futebol aqui.

É claro. Vão botar olheiros. Na verdade, já existem. Faz tempo que não há várzea no Brasil. Existem escolinhas de futebol. Sou da época em que se ia ao campo do Juventus. Joguei com Paulo César Caju e Cafuringa, entre outros. Havia aquele cheiro de cocô. A pessoa colocava a chuteira sentada no gramado. Não tem mais isso. Virou gado. É linha de produção de avestruz para ser vendido para fora. Tenho um desencanto muito grande. Não quero nem saber quem está escalado para disputar Copa do Mundo. Gosto de ver um Amoroso jogar futebol com a idade que tem. É fantástico, extraordinário. Rogério Ceni também. Mas ele tem de deixar Amoroso bater pênalti. Não estou desmerecendo nosso goleiro. Aliás, se minha tese fosse aceita e eu um jornalista nas condições propostas, Rogério seria um dos arqueiros da seleção. Não que ele seja melhor que Dida. Ele é infinitamente melhor que Dida. É um zagueiro que pode pegar a bola com a mão dentro da área. Sabe usar os pés. Se o puserem como ponta-de-lança ou meia, ele jogará. Dará conta se entrar no lugar de Danilo. Além disso, me deixa tranquilo porque sai muito bem do gol. Enquanto Dida é um pânico até com bola rasteira. Fico torcendo para que ele tome gols. Quem sabe, assim, não o substituam.

Já imaginou Rogério batendo falta pela seleção?

Faz isso muito bem. É um dos melhores que temos no País. Goleiro hoje não pode apenas pegar a bola com a mão, não. Tem de saber usar os pés. Além disso, no caso de Rogério, quando o adversário vai chutar a gol, ele já está olhando a colocação dos companheiros. Possui essa visão que os outros não têm. Arqueiros normais pe-

“Mas os Barretos não entendem de futebol (risos). Quem sabe do assunto ali é Luana Piovani (risos). Essa bate um bolão em tudo. É uma pessoa maravilhosa”

gam a bola e, depois, decidem o que fazer. Mas Rogério, não. Por isso, não pode faltar na seleção.

Sua tese poderia ser aplicada a um time, com o torcedor tendo o direito de escolher o presidente da agremiação dele?

Não estou muito de acordo porque mexeria com uma paixão direta do torcedor. Não aprovo também por não saber se o comportamento seria imparcial. Existem pessoas de todo o tipo na torcida. Mesmo aqueles mais comedidos são um vulcão por dentro. Tem senhores que se parecem com aqueles do América do Rio, que acabou. Quando o time joga, eles ficam nas numeradas de colete, chapéu, com relógio de bolso e bengala. Ao se revoltarem, levantam e dizem: “Foi fault, juiz ladrão”. Eles falam “córner”. É maravilhoso. Todo ano, morrem uns 200 porque todos têm 90 anos. São personagens que nem *o Zorra Total* (programa humorístico da Rede Globo) conseguiria reproduzir. São únicos.

Inspirou-se em alguma coisa deles para fazer seu papel no filme *O Casamento de Romeu e Julieta*?

Peguei um camarada de Itatiba. É um policial de trânsito palmeirense superconhecido na cidade. Trata-se de uma pessoa muito alegre. Ele é o Alfredo Baragatti (nome de seu personagem). Não que o tenha copiado. Mas essas coisas são subsídios que vão somando. Passo minha vida inteira observando isso na rua, no jornaleiro, pois ando muito a pé. Fico montando personagens. Adoro. Agora, estou pensando em um que é chef de cozinha. Todos são mais que Tom Cruise e Brad Pitt. São sumidades. No restaurante, são as grandes estrelas. Quero fazer um desses.

No filme, o senhor usou a camisa palmeirense. Como foi vestir o uniforme de um time que talvez seja o maior adversário do São Paulo no Estado?

Mas não foi só isso. E filmar no Parque Antártica com a diretoria deles pegando no meu pé? Eles diziam: “Tudo que queríamos era um dia ver você com a camisa do Palmeiras (risos)”. Acompanhamos as filmagens. Mas respondi o seguinte: “Vou explicar por que estou botando a camisa do Palmeiras e fazendo esse personagem. Na verdade, é porque ele, antes de ser palmeirense, detesta o Corinthians. E, como vocês não têm ninguém com a competência de odiar o Corinthians, como possuí o são-paulino, chamaram um tricolor para fazer esse palmeirense (risos)”. De qualquer forma, quando vivo um papel, me compenetro nele. Confesso que, no estádio, eu fui um baita palmeirense. Fazer o quê? Se não fosse assim, o público perceberia. É preciso fazer direito. Naquele momento, me dediquei àquilo. Procurava pensar mais na minha família, na minha filha, na minha mulher, na minha honra, no meu lar do que propriamente no Palmeiras. Era para suportar um pouco aquela situação meio desagradável (risos). Mas o que foi mais interessante é que tivemos de filmar cenas do casamento na igreja e dos jogos entre Palmeiras e Corinthians nos estádios. Para isso, a produção de Bruno Barreto (diretor) apelou às torcidas Gaviões da Fiel e Mancha Verde. Sem elas, não seria possível fazer nada. No fim, as duas baterias tiveram de ficar juntas quase uma semana e pouco. Mas uma olhando feio para outra. Na hora do almoço, integrantes dos dois lados se misturavam. Quando terminamos os trabalhos na igreja, alguns chefes e membros da Gaviões e da Mancha viraram amigos. Depois, para filmar nos estádios, cada uma delas chamou mais 500 pessoas. Os torcedores ficaram divididos, mas se falavam. Por incrível que pareça, não totalmente, porque são duas nações imensas, houve paz. Um dia, eu e minha mulher fomos jantar numa pizzaria. E, para minha surpresa, estavam sentados à mesma mesa Gustavo, um dos cabeças da Gaviões, com a

mulher, e Mauro, da Mancha Verde, com a esposa. Isso é maravilhoso para o esporte. Na hora do jogo, cada um torce para o seu. Mas aquela coisa de ficar atirando pedra e dando paulada... Não tenha a menor dúvida de que o filme ajudou a levar um pouco desse espírito de respeito aos estádios. Foi muito legal.

Por que no cinema, quando falam de rivalidade entre times de futebol do Estado de São Paulo, estão sempre em pauta Palmeiras e Corinthians?

Sei que foram convocados alguns nomes para escreverem sobre seus times. Washington Olivetto fez o do Corinthians, uma outra personalidade a respeito do São Paulo e Mário Prata sobre o Palmeiras, apesar de ser corinthiano. Bruno Barreto leu todos esses livros e achou que o mais adequado para render uma história no cinema era o de Mário Prata, que é dramaturgo. Mas, no fim, também foi bem mexido. Poderia ter sido algo em torno de qualquer outro clássico paulista. Quando fui convidado por Barreto, peguei tudo pronto. Ele me entregou o script e aceitei por ser um trabalho bonito, sobre esporte, que é algo de que gosto. No filme, tudo é muito engraçado. Faço um palmeirense e sou tricolor, Luana Piovani é são-paulina roxa, de ir sozinha ao estádio, mas, no filme, também é alviverde; e Marcos Rica é o único palmeirense, que, lá, vive um corinthiano. É uma loucura. Nada tem a ver.

Para muita gente, a rivalidade entre SPFC e Palmeiras é mais forte do que a existente entre SPFC e Corinthians. É isso mesmo?

Sem a menor sombra de dúvida, mas não sei por quê. Haja vista aquela tragédia no Pacaembu anos atrás. Apenas num jogo entre São Paulo e Palmeiras poderia acontecer uma coisa daquelas. A rivalidade é muito grande, pois o Tricolor é uma coisa nossa. Tem as cores da bandeira paulista. O São Paulo Futebol Clube é a cidade e o próprio Estado. Aqui, porém, também é lugar da colônia italiana. Isto não é a Espanha, não. Somos italianos, assim como o Rio de Janeiro é português. O Palmeiras é o Palestra Itália. Não há como negar que temos os costumes deles. A pizza, as cantinas. Por mais que a torcida do Corinthians diga que é maior, São

Paulo e Palmeiras, quando se enfrentam, representam um problema de emoção. Por isso, o filme deveria ser São Paulo e Palmeiras. Mas os Barretos não entendem de futebol (*risos*). Quem sabe do assunto ali é Luana Piovani (*risos*). Essa bate um bolão em tudo. É uma pessoa maravilhosa. Tenho verdadeira paixão por ela. É um ser humano inigualável.

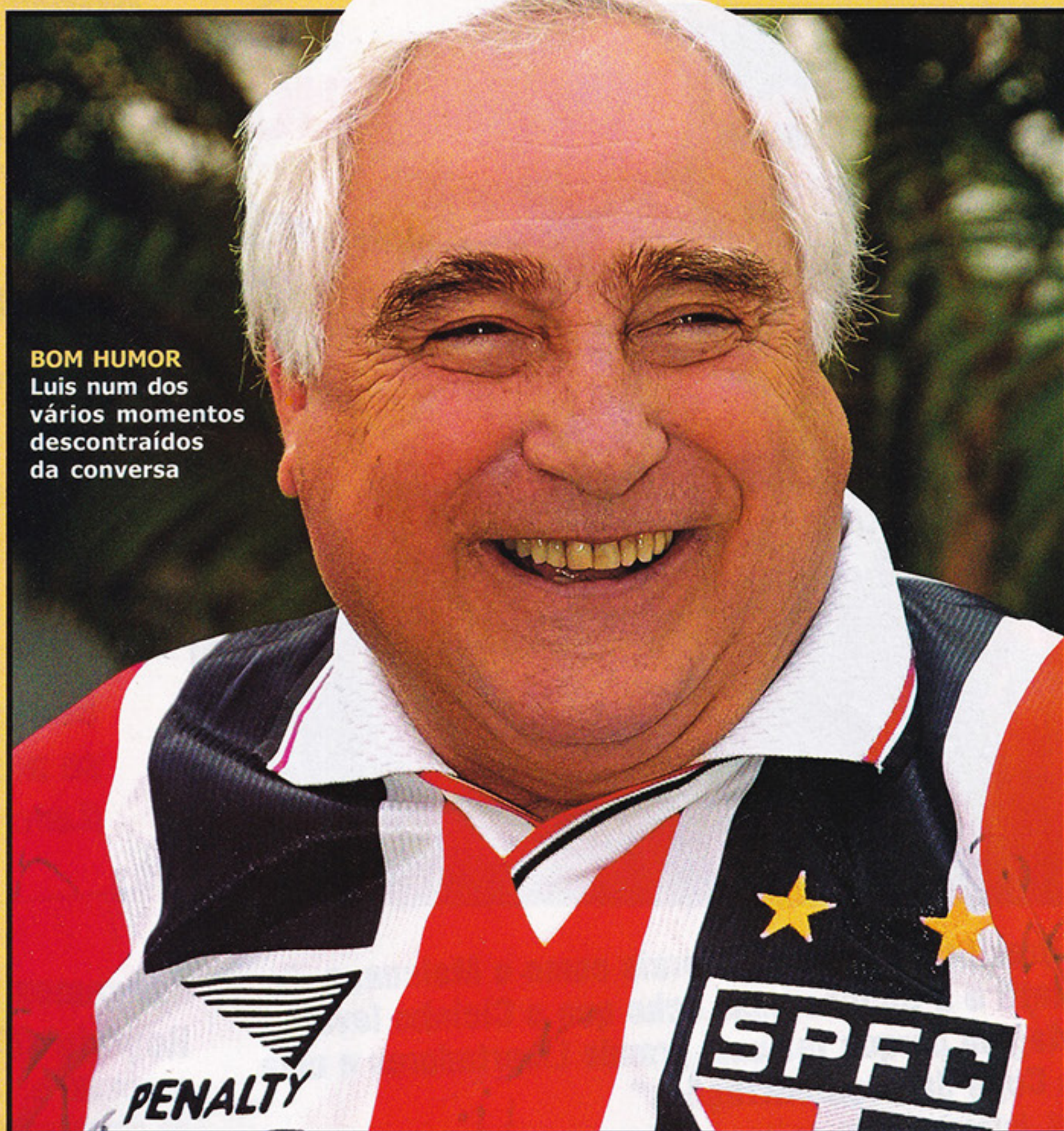
Sendo de origem espanhola, por que não virou corintiano?

Meu pai era corintiano e me levava ao estádio quando eu era pequeno. Mas eu gostava do São Paulo. Tem muito a ver com a camisa e, principalmente, os jogadores daquela época. Adorava Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha. Falava para meu pai: "Pô, mas eles jogam tão mais bonito". Não gostava muito do Corinthians, aquela coisa de Domingos da Guia. O mais curioso é que meu pai não forçou nada. Era um intelectual. Foi embaixador no mundo inteiro, escreveu mais de 12 livros, fez três dicionários e foi professor da USP por 20 anos. Não era um torcedor que ficava gritando. Apreciava o jogo. Era um lorde. Ele dizia para todo mundo que era corintiano e eu, são-paulino. Comprava coisas do Tricolor para mim. Mais adiante, tive um grande amigo chamado Cassiano Gabus Mendes, que se casou com minha irmã e teve dois filhos com ela, Cássio e Tato. Os dois são são-paulinos doentes por influência do pai, que, aliás, era pior que qualquer um que conheço. Tato é tricolor roxo, mas nada de absurdo. Já Cássio não perde jogo. Vai ao estádio, falta em gravação, fica doente. Se o São Paulo perde, nem adianta ligar para ele. Eu já lhe disse que deve parar com isso.

O senhor resistiu à influência do pai. De que maneira driblou os encantos do Santos de Pelé e Cia.?

Driblei, mas não deixei de admirar. Todos os meus amigos da minha fase teenager eram torcedores do Santos. Até viajei algumas vezes com eles para ver jogos no Chile, contra o Colo-Colo, e na Argentina, contra o Boca. Ficava quieto sem muito esforço. Nunca fui santista. Mas era um grande prazer ver Pelé jogar.

Na história do São Paulo,



BOM HUMOR
Luis num dos vários momentos descontraídos da conversa

quem ocupa a posição de melhor de todos os tempos?

É difícil. O São Paulo teve muitos jogadores deslumbrantes, como Pedro Rocha. Está certo que ele não é brasileiro. É uruguaio. Mas não importa. Vestiu a camisa tricolor, é território nosso (*risos*). Em tempos passados, era um pandemônio. Hoje, não há craques assim. Mas também porque o futebol tem outras características. É jogo de conjunto.

Mas a melhor linha média do futebol brasileiro, com certeza, é do Tricolor.

E que linha. Rui, Bauer e Noronha. Mas também havia outros. Era uma loucura. Ultimamente, tivemos bons atacantes que foram para fora, como Luís Fabiano. Mas não tem aquele craque. Afora Kaká, há Cicinho, que vai longe. É um

grande jogador. Tivemos também Cafu e Raí.

E se o senhor tivesse de fazer uma seleção de são-paulinos?

Faria uma seleção que dá de dez a 0 nessa que está aí. Mas é preciso sentar com calma e procurar.

Como o senhor está vislumbrando o time no Mundial Interclubes?

Estou com a impressão de que vamos levar esse título. O São Paulo não deixa passar em branco. Não é o Palmeiras. Que foi lá e uma bolinha do Marcos acabou com tudo. O Tricolor vai ganhar dos adversários. Autuori não vai deixar. Ele é uma pessoa esperta. Não é bobo, não. Quanto ao adversário, tomara que seja da Ásia. Os africanos são complicados. Mas não vamos perder para o Liverpool nem que a vaca tussa. Pode crer. Não

vai ser decidido em pênalti. Ganharemos em campo. O São Paulo já passou por isso duas vezes. Se agora não temos Raí, existem outros que vão fazer. Temos Amoroso, jogador experiente que, para mim, estaria na seleção.

Foi a melhor contratação do ano?

Sem dúvida alguma. Adoro Grafite. A contusão dele foi algo que me entristeceu demais. Mas, para uma coisa, serviu. O São Paulo contratou Amoroso. Sabe quando você entra no cassino, sobraram 100 dólares, e, então, você coloca no oito preto, dá esse resultado e você vai embora com o bolso cheio de grana? Foi isso que aconteceu com o São Paulo ao contratar Amoroso, que é um craque. O Tricolor vai ser tricampeão do mundo para calar a boca até do Santos (*risos*), que teve Pelé e Cia.



Brincando de goleiro num treino, Nilmar (ao lado), jogador corintiano, deixou escapar o nome do arqueiro são-paulino

“Falei Rogério pelo jeito que eu bati na bola. Mas falei também Dida, Fábio Costa, Marcelo...”
Nilmar, depois, explicando-se aos repórteres
(Lance! de 22/09)

“O Brasil tem grandes laterais como o Maicon, o Belletti e o Cicinho, mas acho que o Cicinho leva vantagem porque fez uma grande Libertadores e uma boa Copa das Confederações”

CAFU, lateral-direito, opinando sobre quem deve ocupar a posição dele na seleção brasileira em breve; o capitão do penta afirmou que a Copa do Mundo de 2006 será sua última
(Folha de S. Paulo de 11/10)

“Jogamos bem, o que faltou foi o Rogério (Ceni) falhar”

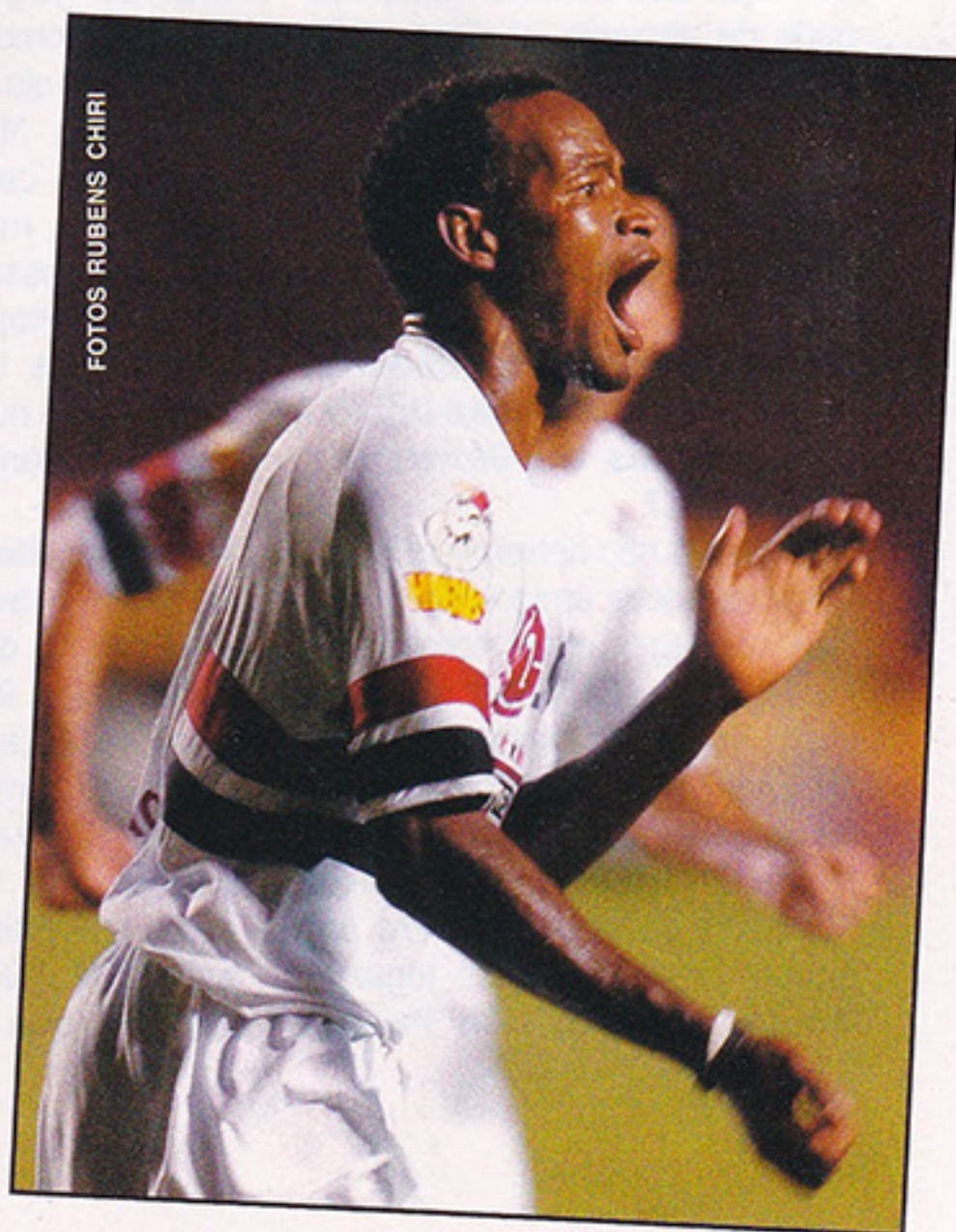
GLAUBER, atacante do Botafogo, a respeito do destaque da partida entre o time dele e o São Paulo, em 2 de outubro
(O Estado de S. Paulo de 03/10)

“Embora esta tenha sido uma grande oportunidade de transferência, me sinto muito bem no São Paulo e não abro mão em disputar o Mundial pelo clube que me dá total apoio e reconhecimento”

DIEGO LUGANO, zagueiro, que, apesar de ter recebido propostas de Liverpool e Sevilla, preferiu seguir no São Paulo
(UOL/Pelé Net em 31/08)

“Não posso ficar irritando a minha mulher (Amanda) porque ela é bastante grande. Acho que tem 1,81m, mas quando coloca salto fica até mais alta que eu”

FABÃO (ao lado), zagueiro, dizendo que não agüentava mais ver as partidas do São Paulo pela TV durante o período em que se recuperava de dores no calcanhar, pois, ansioso por jogar, acabava deixando a esposa estressada
(Lance! de 09/10)



“Eles ainda têm que comer muito arroz com feijão para chegar lá”

Amoroso, atacante, falando, um dia antes do primeiro clássico com o Corinthians, o que Roger, Tevez, Nilmar e Jô, jogadores do time do Parque São Jorge, precisam fazer para se igualarem ao quarteto mágico da seleção brasileira, composto por Robinho, Kaká, Ronaldinho e Adriano

(Lance! de 06/09)

“Foi uma brincadeira bem-humorada. Isso é bom para o futebol. Eu brinco, mas não ofendo a instituição”

MARCO AURÉLIO CUNHA, superintendente, afirmando que não considera uma gozação dura dizer que o Corinthians não pode ser campeão mundial porque não faz free shopping

(Jornal da Tarde de 29/09)

“Quando estiver faltando uns três ou quatro jogos (para despedir-se do São Paulo), o coração vai bater bem mais forte”

CICINHO, lateral-direito, que, após o Mundial Interclubes, defenderá o Real Madrid

(Lance! de 10/10)



“Quero ficar no São Paulo por muitos anos, até o final da minha carreira, me identifiquei muito com o clube e hoje estou muito feliz”

AMOROSO, atacante (Site oficial em 16/09)

Perfil

PEQUENO GIGANTE

Em campo, Mineiro, de 1,69m, cresce: aparece em todos os setores, marcando e correndo incansavelmente

MINEIRO Carlos Luciano da Silva

Nascimento: 02/08/75

Local: Porto Alegre (RS)

Posição: volante

Altura: 1,69m

Peso: 65 quilos

Clubes: Internacional-RS, Rio Branco-SP, Guarani, Ponte Preta e São Caetano

Apesar do apelido, ele nasceu em Porto Alegre (RS) e firmou-se no futebol pelo estilo aguerrido, típico dos atletas gaúchos. Mas alcançou projeção nacional por reunir diferenciais que o deixam quilômetros à frente dos jogadores de sua posição

Mineiro

dos pampas

Por Alessandro Gonçalves

Nas transmissões dos jogos da Libertadores, comentaristas e locutores não se cansaram de rasgar elogios a Mineiro. Não foram poucas as vezes em que destacaram o fato de o atleta correr o campo inteiro com vigor incrível, auxiliando tanto a defesa quanto o ataque. Enalteceram ainda a capacidade que o jogador tem de desarmar sem fazer faltas. No gramado, Mineiro é assim, atrevido. Mas, fora, o tom tranquilo de sua voz contrasta com a disposição que encara os times adversários. Aliás, diferentemente do que muitos pensam, não foi pela descrição que ficou conhecido como Mineiro. Essa é uma outra história. Natural de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Carlos Luciano da Silva herdou o apelido do irmão do meio, com quem chegou a jogar nas categorias de base do Internacional. Como o garoto era muito parecido com um lateral-esquerdo chamado Cláudio Mineiro que havia defendido as cores do clube, recebeu a alcunha. Quando Carlos entrou na equipe, a transferência do apelido foi inevitável.

Desses tempos, Mineiro resguarda a vontade de vencer, combustível que o conduz pela vida e que o torna um 'garoto' incansável no auge de seus 30

anos. "Ela é maior que o cansaço e às vezes faz a diferença." Essa é a primeira virtude que salta aos olhos de quem o vê em ação. Mas ele não é apenas um volante daqueles que correm e marcam. A técnica que desenvolveu o põe em vantagem diante de outros profissionais que ocupam seu mesmo setor, pois sabe distribuir bem o jogo e chegar ao ataque com perigo. "Mas a maior virtude foi ter recebido esse dom de Deus."

Em 1997, Mineiro começou a preocupar-se mais com o lado espiritual, passando a enxergar a vida com outros olhos. Ser atleta de Cristo trouxe-lhe mais responsabilidades, mas isso não o incomoda. "A partir do momento que alguém fala que é cristão, as pessoas começam a olhar de maneira diferente", argumenta. "Passam a reparar mais nas atitudes."

Independentemente disso, Mineiro sempre foi um cara "boa-praça". Ainda criança, cumpria as obrigações e traçava objetivos.

Nunca desistiu do futebol por acreditar que aquela era a chance de proporcionar um futuro melhor a seus familiares. Manteve-se firme pelos caminhos que trilhou e, depois de defender o Internacional, vestiu a camisa de Rio Branco, Guarani, Ponte Preta e São Caetano. O reconhecimento veio com a convocação para defender a seleção brasileira. Leão, então técnico do selecionado, viu no jogador as características que conquistaram os são-paulinos no começo deste ano. Com Josué, que também aportou no Morumbi na mesma ocasião, forma uma das melhores duplas de volantes em atividade no Brasil. "Tínhamos a mesma ambição, que era chegar e vencer. Esse foi um fator determinante", salienta Mineiro.

HOMEM DE PALAVRA

Antes de vestir a camisa tricolor, Mineiro recebeu propostas de clubes do Japão e da Ale-

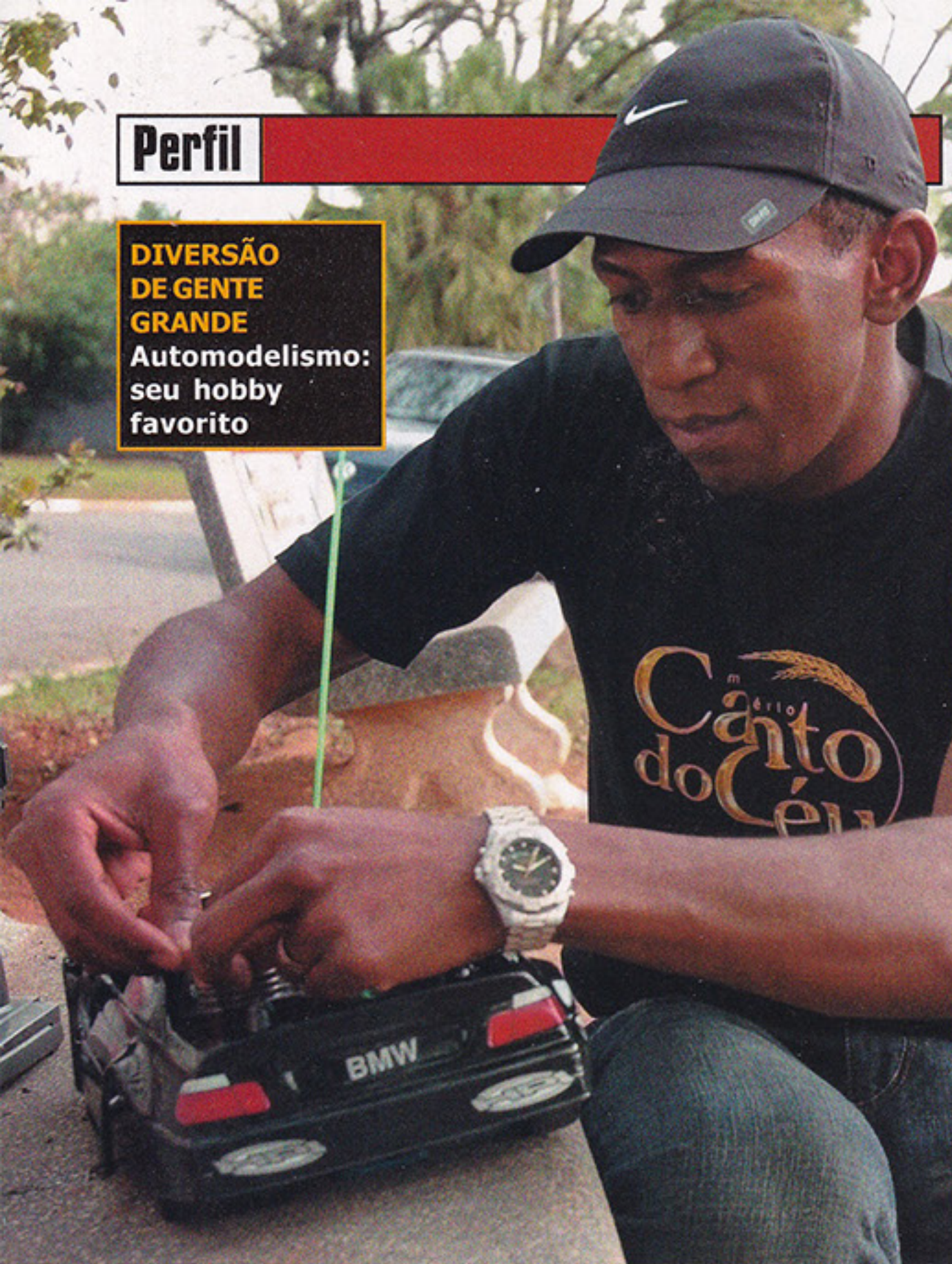
manha, além de ofertas de times brasileiros. Mas, como havia aberto conversações primeiro com o São Paulo em 2004, honrou o compromisso verbal. Milton Cruz, auxiliar-técnico, e Leão, à frente do comando do Tricolor na época, intermediaram a negociação.

Mineiro veio do São Caetano, equipe pela qual teve a oportunidade de disputar campeonatos importantes, como a Libertadores do ano passado. No torneio continental, passou por uma aventura com fortes emoções. Num jogo no México, contra o América, aconteceu uma briga que tomou proporções pouco imaginadas. Um jogador adversário que foi expulso não desceu para os vestiários. E, assim que o juiz encerrou a partida, com a derrota dos mexicanos, invadiu o campo para desferir um soco no goleiro do São Caetano, Silvio Luiz. Aproveitando o tumulto, os torcedores invadiram o gramado. A situação foi agrava-

"Tínhamos a mesma ambição, que era chegar e vencer. Esse foi um fator determinante"

Sobre o entrosamento com Josué, colega de meio-de-campo

DIVERSÃO DE GENTE GRANDE
Automodelismo: seu hobby favorito



da porque o estádio estava em reforma, com material de construção à vista. O acesso ao vestiário do time brasileiro foi obstruído. E os jogadores, encurralados no meio-de-campo. "Saímos pelo vestiário do América. Essa foi nossa sorte", recorda-se. "Os caras estavam vindo para cima de nós com pedaços de pau. Ficamos aterrorizados com aquilo." Com essa experiência na bagagem, além do talento, Mineiro chegou altamente credenciado para disputar a Libertadores deste ano pelo São Paulo. Nem mesmo o jogo contra River Plate na Argentina o deixou assustado. "Já estava vacinado (*risos*)", brinca.

Se o pior rolou em 2004, o melhor estava reservado para este ano. Mineiro ajudou o Tricolor a conquistar a América. Após o merecido tricampeonato, entretanto, o São Paulo viveu momentos de instabilidade no Campeonato Brasileiro. Perdeu partidas, ficando nas últimas posições. Mineiro não encontra explicação para o episódio que represente a opinião de todo o grupo. "Se perguntar a cada pessoa, cada um terá uma versão diferente," acredita. "Para mim, quando enfrentam o São

Paulo, os adversários crescem, ainda mais depois da conquista da Libertadores", crê. "Se já era difícil, ficou mais ainda lutar por uma vitória."

Ele garante que o time está 100% concentrado no nacional. Tanto é verdade que, no segundo turno, a equipe do Morumbi tem ótimo aproveitamento. Quanto ao Mundial Interclubes, aposta que o elenco está tranquilo e que deverá voltar suas atenções à competição no momento certo. "Quando chegar mais perto, as coisas começam a ficar mais voltadas ao Japão."

Pai de um menino e uma menina, define-se como homem caseiro. Faz questão de aproveitar as folgas para curtir a família. Quando não está na companhia dos parentes, está com o pessoal da igreja ou com os amigos praticando seu hobby favorito, o automodelismo. É um aficionado por carros, motos e mecânica. Se acaso não fosse jogador, faria algo relacionado a essas áreas. "Acho que seguiria essa linha. Mas, apesar de gostar bastante, não sou muito ligado." Na concentração, divide o tempo vendo TV, lendo e navegando na internet. "E ainda uso o celular para falar com a família."

JOGO RÁPIDO COM MINEIRO

No começo do ano, o São Paulo contratou você e Josué, atletas que têm características muito próximas. Isso facilitou?

Sim. Mas, além de nós, o Renan e o Alê, nossos reservas, têm bastante qualidade. Eles vêm ajudando muito. No São Paulo, esse é um setor bem valorizado. Cresceu demais nos últimos anos.

Como foi reencontrar o Leão, treinador que o convocou para defender a seleção, no princípio da temporada?

É um cara que nos (*ele e Josué*) ajudou bastante.

Você é religioso?

Religioso talvez não seja a palavra que defina. Sou evangélico. Às vezes, as pessoas falam que são religiosas e que crêem em Deus. Mas as atitudes provam o contrário. Prefiro falar que amo Deus e procuro sempre seguir a palavra Dele.

As atenções não acabam se voltando mais aos chamados atletas de Cristo?

É interessante saber separar as coisas. Hoje, os atletas de Cristo adquiriram certo respeito. Mas, tempos atrás, as pessoas misturavam as coisas. É claro que há uma responsabilidade muito grande quando alguém fala que é cristão ou que acredita em Deus. Procuro ser profissional.

Uma escorregadela é suficiente para que comecem a falar...

É motivo para questionarem a fé.

De que maneira desenvolveu seu estilo de jogo?

Procuro sempre trabalhar em cima das minhas limitações. Mas acho que a maior virtude é um dom de Deus. Não aprendemos a jogar futebol. Nascermos com isso e depois aprimoramos.

Seus dois irmãos jogaram bola, mas desistiram. O que fazem hoje?

O mais velho é da Polícia Civil do Rio Grande do Sul e o do meio é lojista, mas se formou em Processamento de Dados.

Seus pais são de origem humilde?

Meu pai era eletricista e minha mãe, faxineira. Nossa infra-estrutura era muito precária.

De alguma forma, isso se reflete em campo?

Sim. Essa é uma das coisas que me motivam a fugir do padrão, a dar sempre um pouco mais porque tenho de valorizar a situação pela qual passei e a que estou vivendo. A vontade também é baseada nisso.

Pensa em seleção brasileira?

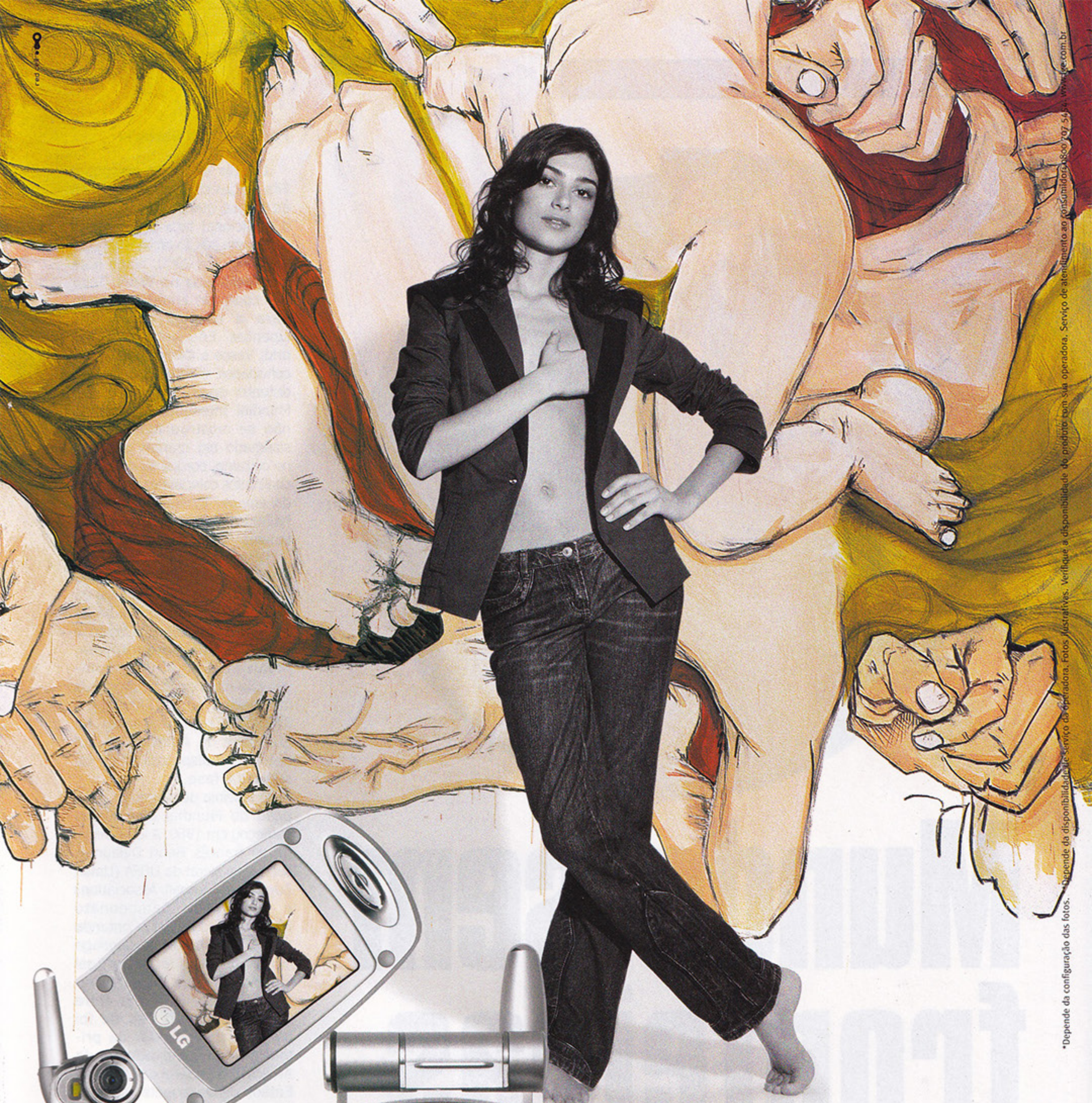
Penso, sim. Não há atleta que não pense. Às vezes, parece mais distante, difícil. Mas continuo trabalhando e procurando fazer meu melhor para o clube. A seleção é consequência disso.

Suas experiências vestindo a amarelinha foram bacanas?

As duas primeiras vezes foram bem especiais, pois estava na Ponte Preta. E chegar à seleção defendendo um time que não é de elite é algo que o jogador precisa agradecer todos os dias a Deus. Fiquei bastante feliz por ter conseguido o que alguns atletas, mesmo estando em clubes grandes ou na Europa, não conseguiram. Disputei as Eliminatórias da Copa em 2000 e 2001. Este ano, quando o Magrão se machucou, fui para a partida de Goiânia, contra o Peru. E, depois, para Montevideu enfrentar o Uruguai. Também teve o jogo contra a Guatemala. Foram cinco participações e quatro convocações. Hoje, no São Paulo, as pessoas olham diferente. De qualquer forma, defender seu país é uma experiência única. É o ápice. Para mim, foi muito legal.

Guardou o uniforme?

(*Risos*) Tem de guardar. Colocar num quadro. Dei uma camisa a cada um de meus irmãos e uma à minha mãe. Eles fazem parte disso. É um prêmio simbólico. Precisavam saber que também foram e são importantes nessa trajetória.



Agora, sua voz
também é fotogênica.

 **LG** Life's Good

G7100. Você com liberdade de expressão.

Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos*
• flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos
seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho
• Java** • MMS** • discagem por comando de voz
• interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.



*Depende da configuração das fotos. **Depende da disponibilidade do serviço da operadora. Fotos ilustrativas. Verifique a disponibilidade do produto com sua operadora. Serviço de atendimento ao consumidor: 0800 707 54 54. www.lg.com.br



Por Fernando Savaglia

Depois de tanto tempo, a Fifa lança este ano seu Mundial de Clubes, que passa a englobar a tradicional taça Toyota Cup. A primeira edição promovida pela entidade, em 2000, ainda hoje gera polêmicas no Brasil. Tudo por conta do critério utilizado para a escolha dos participantes. Enquanto Real Madrid, Vasco e Corinthians foram convidados, o Manchester United, detentor do título europeu e do Mundial Interclubes na época, não se mostrou muito entusiasmado em marcar presença no certame, porque as datas dos confrontos coincidia com as férias da equipe. E, curiosamente, o Palmeiras, campeão da Libertadores de 1999, foi vetado.

Discussões à parte, a entidade máxima do futebol, reconhecendo a importância do Mundial Interclubes, que há 24 anos é disputado no Japão e tem o patrocínio da Toyota, resolveu propor uma competição com os legítimos seis campeões continentais em 2005. Os representantes da Europa e da América do Sul entram na disputa a partir da segunda fase.

O fascínio de sagrar-se campeão do Mundial Interclubes começou em 1960. A idéia inicial foi do francês Henri Delaunay, secretário-geral da UEFA (Union European Football Association) e mentor do Campeonato Europeu de seleções. Contando com o entusiasmo de Santiago Bernabeu, presidente do Real Madrid, agremiação pentacampeã europeia de clubes entre 1956 e 1960, um desafio foi lançado ao vencedor da primeira Taça Libertadores da América, o Penárol do Uruguai. Então, desde aquele momento, a partida entre europeus e sul-americanos passou a ser o jogo mais importante do calendário mundial do futebol, ao menos no que tange ao universo dos clubes.

Segundo o que fora acordado, desenrolaram-se as duas partidas que definiram o grande vencedor do planeta. A primeira foi em Montevideu, capital uruguaia, e terminou empatada por 0 a 0. Alguns dias depois, diante de 120 mil torcedores madrilenos, os espanhóis, que

Mundo sem fronteiras

Criado em 1960, o Mundial Interclubes passou por muitas modificações ao longo de sua existência. A próxima edição, sacramentada pela Fifa, também tem novidade: a participação direta de representantes de todos os continentes

contavam com o craque húngaro Puskas, golearam impiedosamente os uruguaios por 5 a 1. Em 1961, o mesmo Penãrol venceu o Benfica de Portugal em dois emocionantes encontros. E isso consolidava o sucesso da disputa. Na seqüência, o Santos de Pelé sagrou-se bicampeão mundial ao superar em 62 e 63 o Benfica e o Milan, respectivamente.

Durante os desafios posteriores, o desejo de ganhar dos argentinos começou a extrapolar limites. O futebol virou pancadaria explícita, sobretudo nos jogos disputados em campos sul-americanos. Com isso, o Mundial foi posto de escanteio por várias agremiações. Em 1970, a partida entre Estudiantes e Feyenoord, da Holanda, foi marcada pela truculência e pelas pressões extracampo de atletas, dirigentes e torcedores argentinos. Em virtude da violência, o também holandês Ajax, campeão da temporada 1970/1971, recusou-se a enfrentar o Nacional do Uruguai na disputa seguinte. A final do Mundial Interclubes daquele ano acabou sendo travada entre o Nacional e o clube grego Panathinaikos, vice-campeão europeu.

O fato repetir-se-ia quatro anos mais tarde, quando nem o Bayern de Munique nem a equipe inglesa do Leeds United Football Club, respectivamente campeão e vice europeus daquela temporada, prontificaram-se a encarar a fúria da torcida do Independiente no pequeno estádio de Alveñaneda, subúrbio de Buenos Aires. Pela primeira vez, o torneio não fora disputado. A equipe alemã, porém, concordou em enfrentar o Cruzeiro em 1976. E saiu-se vencedora do desafio contra o clube mineiro.

Novamente, uma agremiação inglesa abdicaria do direito de disputar o título, temendo o risco de fazer uma das partidas em Buenos Aires. Isso aconteceu em 1977, quando o Liverpool cedeu o lugar que era dele ao clube alemão Borussia Mönchengladbach, que encarou o Boca Juniors. No ano de 1978, pela segunda vez na história, o Mundial não se realizou.



SORTE DE BICAMPEÃO

Contra o Milan, Müller fez de costas o gol que garantiu a taça; no destaque, aparece comemorando com Leonardo e Juninho(15)

REPRODUÇÃO

O TROFÉU

O vencedor do Mundial de Clubes da Fifa terá a posse transitória de um troféu de 50 cm de altura, pesando 5,5 quilos, desenhado pela empresa inglesa Thomas Fattorini. A peça trará um globo sustentado por seis colunas construídas de ouro e prata. A partir deste ano, o nome dos clubes vencedores será gravado nela. E uma réplica permanente será oferecida ao campeão.



AINDA EM CAMPO
Cafu chacoalha a bandeira do clube brasileiro de que jamais o Japão se esquecerá



A FESTA

Na capital paulista, time e comissão técnica fazendo a alegria dos torcedores

PARTICIPANTES



LIVERPOOL (Inglaterra)

Atual campeão europeu, o Liverpool não estava indo muito bem na Liga Inglesa. Havia conseguido apenas alguns empates e ocupava a 12ª posição.



SAPRISSA (Costa Rica)

O Saprissa começou com tudo no Torneio Apertura. Tinha conquistado 100% de aproveitamento.



SYDNEY FC (Austrália)

O time teve um início meio turbulento no Campeonato Australiano. Perdeu seguidas vezes até reabilitar-se com uma vitória por 3 a 1, fora de casa, diante do Queensland Roar. Estava em segundo lugar na tabela.

INDEFINIDOS

ÁSIA

O representante do continente sairia da partida entre o Al-Ittihad, da Arábia Saudita, e o time do Al Ain, dos Emirados Árabes. No primeiro jogo, o placar ficou em 1 a 1. Os dois times decidiriam a vaga em 5 de novembro.

ÁFRICA

As equipes que brigavam pelo título da Liga dos Campeões da África eram o Etoile Sahel, da Tunísia, e o Al Ahly, do Egito. Em 29 de outubro, foi realizada a primeira partida entre as duas agremiações, que terminou sem gols. As equipes voltariam a campo em 12 de novembro. O jogo estava agendado para a cidade do Cairo, capital egípcia.



GOLPE DE CRAQUE

Diante do Barcelona, na primeira conquista mundial do SPFC, Raí foi fundamental: marcou um golão de falta

TODOS OS CAMPEÕES

ANO	CAMPEÃO	VICE
2004	Porto (POR)	Once Caldas (COL)
2003	Boca Juniors (ARG)	Milan (ITA)
2002	Real Madrid (ESP)	Olimpia (PAR)
2001	Bayern Munique (GER)	Boca Juniors (ARG)
2000	Boca Juniors (ARG)	Real Madrid (ESP)
1999	Manchester United (ENG)	Palmeiras (BRA)
1998	Real Madrid (ESP)	Vasco (BRA)
1997	Borussia Dortmund (GER)	Cruzeiro (BRA)
1996	Juventus (ITA)	River Plate (ARG)
1995	Ajax (HOL)	Grêmio (BRA)
1994	Vélez Sarsfield (ARG)	Milan (ITA)
1993	São Paulo (BRA)	Milan (ITA)
1992	São Paulo (BRA)	Barcelona (ESP)
1991	Estrela Vermelha (IUG)	Colo Colo (CHI)
1990	Milan (ITA)	Olimpia (PAR)
1989	Milan (ITA)	Nacional (COL)
1988	Nacional (URU)	PSV Eindhoven (HOL)
1987	Porto (POR)	Peñarol (URU)
1986	River Plate (ARG)	Steaua Bucareste (ROM)
1985	Juventus (ITA)	Argentino Juniors (ARG)
1984	Independiente (ARG)	Liverpool (ING)
1983	Grêmio (BRA)	Hamburgo (ALE)
1982	Peñarol (URU)	Aston Villa (ING)
1981	Flamengo (BRA)	Liverpool (ING)
1980	Nacional (URU)	Nottingham Forest (ING)
1979	Olimpia (PAR)	Malmoe (SUE)
1977	Boca Juniors (ARG)	Borussia Moenchengladbach (ALE)
1976	Bayern Munique (ALE)	Cruzeiro (BRA)
1974	Atlético de Madrid (ESP)	Independiente (ARG)
1973	Independiente (ARG)	Juventus (ITA)
1972	Ajax (HOL)	Independiente (ARG)
1971	Nacional (URU)	Panathinaikos (GRE)
1970	Feyenoord (HOL)	Estudiantes (ARG)
1969	Milan (ITA)	Estudiantes (ARG)
1968	Estudiantes (ARG)	Manchester United (ENG)
1967	Racing (ARG)	Celtic Glasgow (ESC)
1966	Peñarol (URU)	Real Madrid (ESP)
1965	Internazionale (ITA)	Independiente (ARG)
1964	Internazionale (ITA)	Independiente (ARG)
1963	Santos (BRA)	Milan (ITA)
1962	Santos (BRA)	Benfica (POR)
1961	Peñarol (URU)	Benfica (POR)
1960	Real Madrid (ESP)	Peñarol (URU)

ANOTE NA AGENDA

Primeira fase

11/12 – Jogo 1

Campeão Asiático x Campeão Africano

12/12 – Jogo 2

Sydney United (Austrália) x Deportivo Saprissa (Costa Rica)

Semifinais

14/12 – Jogo 3

SÃO PAULO x Vencedor do Jogo 1 (Ásia x África)

Lugar: Tóquio (7h20 da manhã no Brasil)

15/12 – Jogo 4

Vencedor do Jogo 2 (Austrália x Costa Rica) x Liverpool

Decisão do quinto lugar

16/12 – Jogo 5

Perdedor do Jogo 1 x Perdedor do Jogo 2

Decisão de terceiro lugar

18/12 – Jogo 6

Perdedor do Jogo 3 x Perdedor do Jogo 4

Final

18/12 – Jogo 7

Vencedor do Jogo 3 x Vencedor do Jogo 4

TOYOTA CUP

O último campeão à moda antiga, quando as equipes se encaravam em duas partidas, foi o Olimpia do Paraguai, que derrotou o Malmo da Suécia nos dois jogos disputados, respectivamente, em Estocolmo e Assunção.

Por causa de problemas para a realização de dois confrontos no final dos anos 70, o Japão passou a abrigar a competição em jogo único na condição de território neutro. Dessa maneira, o interesse pelo desafio foi revigorado. Aliando isso ao patrocínio da empresa automotiva Toyota, o certame começou a premiar o vencedor com a Toyota Cup, o que o tornou ainda mais forte.

Disputado em 1980, o primeiro campeonato da nova fase foi vencido pelo Nacional do Uruguai. A agremiação sul-americana derrotou os ingleses do Nottingham Forest. Um ano depois, o Flamengo de Zico traria o primeiro título mundial para o Brasil depois dos feitos do San-

tos, na década de 60. O Rubro-negro carioca venceu o Liverpool pelo convincente placar de 3 a 0.

No Brasil, como na maior parte do mundo, a disputa do jogo no Japão passou a ser o principal objetivo dos grandes clubes. De repente, a expressão "Projeto Tóquio" virou clichê na boca de imprensa e torcedores. Outra equipe nacional a sentir o doce sabor desse título foi o Grêmio. Ao derrotarem o Hamburgo em 1983, os gaúchos puseram as mãos na taça.

Nove anos mais tarde, outro clube do Brasil se apossou da taça Toyota Cup. Foi o São Paulo dirigido por Telê Santana, que carimbou seu passaporte ao vencer a Libertadores da América em 1992. O adversário, o temível Barcelona, não foi páreo para Raí e seus companheiros. Com dois gols do camisa dez, o Tricolor, numa exibição de gala, principalmente no segundo tempo, quando a meta de

Zetti não foi ameaçada praticamente nenhuma vez, derrotou o time catalão.

Em 1993, ocorreu uma das mais emocionantes partidas de toda a história do Mundial. Novamente, o São Paulo atravessou o planeta em busca de seu objetivo maior. E, com o Milan, fez um jogo digno da tradição de dois dos mais importantes clubes do mundo. Por duas vezes, o Tricolor esteve na frente do placar. E, por duas vezes, o esquadrão italiano, que contava com uma legião estrangeira fenomenal, chegou ao empate. Até que Müller, com um fantástico gol de calcanhar, que muitos afirmam ter sido sem querer, garantiu o bi.

Após o feito tricolor, nenhum outro brasileiro conseguiu conquistar a Toyota Cup, objeto de respeito e, acima de tudo, desejo de todas as agremiações do futebol mundial. Em 1995, o Grêmio foi derrotado pelo Ajax nos pênaltis. Em 1997, o Cruzeiro, reforçado pelo centroavante Bebeto apenas

naquela disputa, perdeu para o Borussia Dortmund, assim como Vasco e Palmeiras sucumbiram a Real Madrid e Manchester United em 98 e 99, respectivamente.

De lá até aqui, seis anos se passaram. Durante esse período, o Brasil ficou sem representante no certame. Mas, para marcar esse reencontro, depois de faturar o tricampeonato da Libertadores em julho, ninguém melhor que o São Paulo. Os paulistas põem o País na rota das competições internacionais mais uma vez.

Em busca do tricampeonato mundial, o clube atravessará o mundo em dezembro, sabendo, desde o princípio, que terá de fazer uma semifinal com o vencedor do embate entre os campeões da Ásia e África para chegar à final. Do outro lado, o Liverpool aguardará quem sairá com vida do confronto entre o Sydney FC (Austrália), campeão da Oceania, e o costarriquenho Saprissa, representante da CONCACAF.

rad3.com.br

Alugue um carro na Transnet



Centro tel. (11) 3259-6744
Higienópolis tel. (11) 3823-2401
Paulista tel. (11) 3284-1311

São José dos Campos tel. (12) 3943-3061
Rio de Janeiro tel. (21) 2559-9600
Central de Atendimento tel. (11) 3751-9595

transnet
rent a car

www.transnetcar.com.br



Na esperança de tornarem os filhos torcedores de seu clube favorito, os pais tentam de tudo, mas esquecem que as crianças terminam seguindo o coração, deixando em segundo plano as tradições patriarcais

TATYANA ALVES

PAIXÃO DE CRIANÇA
Os pequenos levam a sério: curtem tudo que lembre o time favorito e, em casa, rivalizam até com o pai no futebol de botão



Filhinho de peixe...

Por Malú Souza

"Filho de peixe peixinho é." Certo? Errado. Pelo menos no mundo do futebol, o velho ditado não mostra tanta eficiência. Quando o assunto é paixão pela bola, o que vale mesmo é aquilo que manda o coração. A definição na hora de optar por um time pode parecer simples, mas se torna um dilema se o arquiinimigo mora sob o mesmo teto.

Situações como essa existem aos montes, em todos os cantos do planeta. O espírito esportivo, porém, tem ensinado as pessoas a lidar com as diferenças. Ainda assim, não é raro ver cidadãos aficionados, verdadeiros fanáticos, decidirem qual será a equipe do herdeiro antes mesmo de ele nascer. Fazem isso para não correrem o risco de ver a 'prole' enveredando por caminhos duvidosos, o que nem sempre evitam.

É duro imaginar seu garoto ignorando seu clube favorito, partindo para uma torcida adversária. Mas é preciso ponderar que os meninos, quando começam a crescer, recebem influências de amigos, tios, primos, padrinhos e avôs. Ficam expostos também a diversos outros fatores, como títulos, boas campanhas ou jogadores dessa ou daquela agremiação.

Um exemplo disso ocorreu com o ator Luis Gustavo Blanco (*confira entrevista na página 8*). Apesar da origem espanhola e do pai corintiano, tornou-se tricolor por causa de um esquadrão que viu nos campos. Embora fosse aos estádios com o patriarca, Luis Gustavo não resistiu ao São Paulo de Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira. "Eles jogam tão mais bonito", costumava dizer ao pai. "Não gostava muito do Corinthians. Aquela coisa de Domingos da Guia (*curiosamente, pai de Ademir da Guia, um dos maiores ídolos do Palmeiras*)."

Como frisou o crítico de música Zuza Homem de Mello à reportagem da **Revista Oficial do SPFC** em recente entrevista, a primeira partida que se acompanha no estádio pode ser determinante. "É um dos fatores fundamentais nessa decisão", salientou. Na época, confessou que estava tentando "fazer a cabeça" de uma netinha de 12 anos. "Espero que, no dia escolhido, aconteça uma vitória do São Paulo." Zuza destacou também a importância do uniforme, sobretudo da camisa. Argumentou que a do São Paulo cativa porque é uma das mais originais. "Essa idéia de três faixas horizontais é diferente", afirmou. "No Brasil, geralmente são listras verticais ou são camisas lisas."



"Eles jogam tão mais bonito"

LUIS GUSTAVO, ator, falando (ainda criança) ao pai (corintiano) sobre a beleza do futebol jogado pelo time tricolor que contava com Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira



FOTOS RUBENS CHIRI



OPINIÃO PROFISSIONAL

Muitas vezes, a vontade que os pais têm de que os filhos sejam parecidos com eles - e isso inclui a opção por um time de futebol - passa dos limites. Não é bom que se pressione a criança. Ela deve saber o que quer desde pequena. Essa é a visão da psicóloga esportiva Sâmia Hallage Figueiredo. "O que acontece é que, quando o pai é muito fanático, faz de tudo para influenciar o filho. Isso é visto bastante com relação à prática esportiva. Em alguns casos, a escolha de uma modalidade a ser praticada é influenciada pelos pais, tio ou primo. Principalmente se essa pessoa teve vontade de ser jogador e não conseguiu. Aí ele acaba por influenciar a criança a seguir essa carreira", explica. "Em alguns casos, a situação é mais amena; em outras, nem tanto." Por isso, estão sendo criadas escolas de esporte, que possuem várias modalidades. Quando a criança é matriculada, experimenta um pouco de tudo até saber qual lhe agrada mais.

Para Sâmia, a escolha de um clube é mais ou menos por aí. "Quantas vezes não vemos casos em que, na porta do quarto da maternidade, já existem bonecos e símbolos da equipe para a qual o pai torce, além do uniforme completo, é claro", brinca a psicóloga.

Ela explica que os primeiros modelos de comportamento que uma criança tem vêm dos pais. "É com eles que o menino ou a menina convive a maior parte do tempo. Por isso, a tendência é seguir as escolhas deles. Com o passar do tempo, vêm a escola e os amigos, que têm outras opiniões e são outros modelos a seguir. Aí as opções podem mudar."

A maneira como os pais reagem às opções de seus 'herdeiros' é a parte mais importante. "Depende muito do pai. A maioria encara de maneira positiva essa coisa de conviver com as diferenças. A criança hoje já é obrigada a lidar com tantas pressões, e a escolha de um time para torcer não deve ser mais uma delas", diz Sâmia.

Existem muitos aspectos positivos que devem ser levados em conta se o pai torcer para um time e o filho, para outro. A relação dos dois pode ter um crescimento maior ainda do que se os dois tivessem feito as mesmas opções. "É legal porque a criança vai aprender desde cedo a lidar com as diferenças. Também é importante que ela tenha liberdade para tomar suas decisões sozinha. Algumas não têm isso em casa. São obrigadas a fazer determinadas coisas e, assim, tornam-se dependentes dos pais a vida toda", argumenta a psicóloga.



"A torcida são-paulina cresce dia a dia, principalmente entre os jovens, sendo bons exemplos esses dois: André (à dir.), meu sobrinho-neto, e Luigi, meu neto, que não se dobraram à pressão dos pais, palmeirenses históricos"

MARCELO PORTUGAL GOUVÊA, presidente do SPFC

O pai do pequeno André é palmeirense. O menino, entretanto, tornou-se são-paulino e conta que, na família, tem gosto para tudo. Há corintianos, palmeirenses, santistas e tricolores. "Meu tio-avô é são-paulino, e, como eu também gosto do São Paulo, comecei a torcer." O parente que influenciou André é ninguém menos que Marcelo Portugal Gouvêa, presidente do clube do Morumbi. O dirigente comemora, mas garante que não foi tão simples convencer o garoto. Aliás, fez o mesmo com um neto. "A torcida são-paulina cresce dia a dia, principalmente entre os jovens, sendo bons exemplos esses dois: André, meu sobrinho-neto, e Luigi, meu neto, que não se dobraram à pressão dos pais, palmeirenses históricos", orgulha-se Gouvêa. A propósito, as crianças levam isso a sério. Além de assistirem aos jogos, querem uniforme, bandeirinhas e tudo mais que lembre o time.

Histórias desse gênero estapam a rotina de diversas

personalidades públicas. Torcedor do Santos, o apresentador Milton Neves, que fez do futebol sua própria vida, é um dos mais profundos conhecedores do esporte. Para sua alegria, teve três filhos: Rafael, Fábio e Neto. Poderia vê-los jogando, se assim, é claro, fosse vontade deles; ou, ao menos, torcendo para o Peixe. As coisas, no entanto, não foram pela trilha esperada.

Sempre com a agenda profissional cheia, o jornalista nunca tinha tempo para levar as crianças ao estádio, sonho de todo menino. A missão era passada ao amigo Kalef João Francisco, diretor-adjunto de Futebol Profissional do São Paulo entre 90 e 98 e, depois, de 2002 a 2004, que conduzia os garotos aos jogos do, é claro, Tricolor. Não é necessário dom paranormal para adivinhar o que ocorreu. Nada menos que todos os filhos do apresentador começaram a admirar o clube do Morumbi. Aumentando a miscelânea de cores e escudos, a esposa de Milton Neves é palmeirense. "Em

Alex







Amoroso





“É importante que ela [a criança] tenha liberdade para tomar suas decisões sozinha. Algumas não têm isso em casa. São obrigadas a fazer determinadas coisas e, assim, tornam-se dependentes dos pais a vida toda”

SÂMIA HALLAGE FIGUEIREDO, psicóloga esportiva, frisando a importância de as crianças terem autonomia no momento de optarem por seus caminhos

casa, não dá briga. Todo mundo se respeita”, explica.

Ter uma ovelha desgarrada, tudo bem. Mas três, como Milton Neves, já é demais. Mais sorte teve o empresário Marcos Andrade. Palmeirense roxo, seguiu a tradição de comprar roupinhas de bebês com o símbolo do Palestra antes de as crianças nascerem. Nas duas primeiras vezes, deu certo. Na terceira, tudo foi por água abaixo. O mais novo do trio, Vinícius, de 6 anos, contrariou os dois irmãos, que seguiram o pai. O caçula foi para o lado do avô e dos amigos, tornando-se são-paulino. “Quando ele começou a prestar atenção no futebol, o Palmeiras estava naquela fase meio ruim. Só perdia. Com a convivência com primos, amigos da idade dele e ainda por cima a influência do avô, acabou torcendo para o São Paulo”, explica Andrade.

QUESTÃO DE EDUCAÇÃO

Mas quem pensa que a diferença de opiniões deixa a família dividida engana-se redondamente. De acordo com Andrade, o futebol proporciona uma briga sadia. “Em dia de jogo entre os dois times, a bagunça em casa é grande. A gente não briga. Apenas tira muito sarro um do outro. Essa é a melhor parte.” O pior, mesmo, fica para o pequeno Vinícius. Afinal, são três contra um. Brincadeiras à parte, o paizão enxerga nessa diferença teor educativo. “É bom para que ele aprenda em casa a lidar com

outras torcidas e a fazer disso uma coisa saudável.”

O jornalista Chico Lang é um dos corintianos mais assumidos e apaixonados da imprensa esportiva. Defende com unhas e dentes o clube do coração. Apesar disso, não conseguiu converter o filho Paulo José, de 10 anos, que é o do meio. Com o menino, aconteceu um fenômeno que também atingiu muitos outros de sua geração. Encantou-se com a habilidade de Raí, um dos maiores nomes do São Paulo, mesmo sendo muito novo e pegando o finalzinho da carreira do craque. Numa atitude democrática, Chico Lang jura que não se importa. “Não vou mexer com essa paixão do menino.”

Paulo José é mais um dos tantos que Raí impressionou. O craque são-paulino, porém, conseguiu proeza ainda maior quando, sem muito esforço, convenceu o sobrinho Gustavo - em cujas veias corria o mais puro sangue alvinegro, já que é filho do ídolo corintiano Sócrates, irmão de Raí - a virar são-paulino. Num primeiro momento, o garoto deve ter ficado confuso. Pois não é todo mundo que tem o privilégio de ter dois monstros do futebol na família. Mas, por ver o tio em ação, preferiu o clube do Morumbi.

Casos de jogadores que defenderam agremiações adversárias, como o de Sócrates e Raí, são muitos e alguns vêm de tempos longínquos. A história de Nivacir Innocêncio Fernandes, mais conhecido como King, goleiro que honrou as cores são-paulinas entre

1936 e 1948, ilustra muito bem isso. Seus irmãos também eram profissionais da bola. Jaime Innocêncio Fernandes jogou na mesma posição e também no Tricolor, do qual foi reserva. Já Uriel Fernandes, o Teleco, virou centroavante. Não bastasse ter optado por um setor completamente oposto ao de King e Jaime, transformou-se num dos maiores artilheiros de todos os tempos do time do Parque São Jorge. “Quando São Paulo e Corinthians se enfrentavam, King e Teleco se rivalizavam”, recorda-se Zuza Homem de Mello.

Atualmente, vivem situação semelhante o meia Richarlyson (confira entrevista na página 37), do São Paulo, e seu irmão, o atacante Alecsandro, do Cruzeiro. A ligação dos dois com o futebol é mais velha do que eles próprios. Teve início com o pai, o ex-jogador Lela, campeão brasileiro pelo Coritiba, em 1985. Os dois começaram no Vitória, mas em categorias diferentes. Depois, seguiram caminhos distintos. Alecsandro terminou indo para o Cruzeiro recentemente, enquanto o irmão chegou ao São Paulo. Em campo, os dois já se enfrentaram três vezes. Mas a influência do pai na vida dos meninos vai além do óbvio, sobretudo nas comemorações de Richarlyson, que reproduz com orgulho a marca registrada de Lela: uma careta daquelas.

Em meio a esse turbilhão de opções e opiniões divergentes, existe uma família em que não há discórdias desse tipo. Montanaro, medalha de

prata nas Olimpíadas de Los Angeles em 1984, hoje gerente de vôlei do Banespa/MasterCard/São Bernardo, teve a sorte de as duas filhas seguirem seus passos em tudo.

Afora terem optado pela carreira do pai por vontade própria, ambas escolheram o Tricolor do Morumbi. “Desde criança, como tenho simpatia pelo São Paulo, comecei a torcer pelo clube, apesar de não frequentar muito os estádios. A Gabriela e a Marcela foram no embalo.” O modelo do pai, entretanto, não foi o único motivo que as levou à decisão. Uma das razões pelas quais escolheram o São Paulo atende pelo nome de Rogério Ceni, o goleiro-artilheiro. “A Gabriela, que é a mais nova, adora o Rogério, e acredito que ele foi o grande motivo para as duas torcerem pela equipe”, revela Montanaro.



“Não vou mexer com essa

paixão do menino”

CHICO LANG, jornalista, que é corintiano, sobre a preferência do filho Paulo José, de 10 anos, pelo São Paulo



“Em casa, não dá briga. Todo mundo se respeita”

MILTON NEVES, apresentador de rádio e TV, que foi agraciado com filhos são-paulinos



DIVULGAÇÃO

AGRADECIMENTOS

SO FUTEBO BRASIL

- Só Futebol Brasil
www.sofutebolbrasil.com
Tel.: 0800-771-0044
- Cláudia Hiromi Oshiro
- Rafael Furugen



EM NOVA
ROUPAGEM
Rogério
trajando
uniforme
comemorativo
ao número de
jogos que fez
pelo clube...

Reverenciado por seu caráter, seu talento e sua identificação com o São Paulo, o goleiro **ROGÉRIO CENI** crava o nome na história do clube, pois, além dos títulos conquistados e dos gols marcados, é, disparado, o atleta que mais vezes vestiu o manto tricolor

ORIGINAL

Por Carlos Mesquita

O São Paulo é um clube de ponta, sempre à frente. E os motivos são bem conhecidos. Afora ser um autêntico campeão, pois conquistou os mais importantes títulos que o futebol coloca em disputa, possui organização e excelente estrutura. Somado a isso vem o fato de ter revelado, ao longo de sua história, uma porção de craques que atuaram na linha, além de ter sido servido por goleiros de extrema categoria, como Zetti, Gilmar Rinaldi, Waldir Peres e Sérgio Wagner Valentin. Entretanto, 15 anos atrás, precisamente no dia 7 setembro, um jovem, vindo de Pato Branco, interior do Paraná, começaria uma história que, sem saber, terminaria revolucionando toda a forma de jogo dos arqueiros. Novamente, o São Paulo largaria na frente por contar com um atleta fora de série, cujas qualidades extrapolam as características de seus companheiros mais habilidosos de posição. Trata-se de Rogério Ceni, jogador venerado por seu caráter, seu talento e seu amor ao clube.

Enquanto os outros goleiros praticam boas defesas, Rogério vai além. Promove milagres com a mesma habilidade que observa o jogo e bate na bola, fruto de treinos que realiza desde a época em que Telê Santana comandava a equipe. Como resultado desse esforço diário, tornou-se especialista na arte de cobrar pênaltis e, sobretudo, faltas. Há pouco, Ugo Giorgetti, colunista de Esportes do jornal *O Estado de S. Paulo*, afirmou que Rogério Ceni era o que de diferente e original apresentava o futebol brasileiro. E chegou a confessar o desejo de vê-lo vestindo a camisa um da seleção brasileira. "Gostaria de ver a cara dos europeus quando, em falta perto da área, em vez de Ronaldinho Gaúcho ou Roberto Carlos, se apresentasse para bater o goleiro", escreveu.

Se a Europa ainda não teve oportunidades suficientes para conhecer os predicados de Rogério, os mexicanos puderam atestar sua competência recentemente. Na primeira partida contra o Tigres, pela Libertadores deste ano, balançou as redes duas vezes. E, no segundo jogo, fora surpreendido com o carinho da imprensa e dos fãs do México. "Tivemos uma recepção muito legal", lembra Rogério.

Em virtude da competência, mantém-se como dono absoluto da posição desde 1997 - aliás, desfruta o posto de jogador que mais vezes vestiu o manto tricolor, deixando para trás Waldir Peres (617) e Poy (565). E é, além de tudo, um líder em quem a torcida confia. "Todos têm goleiros. Só nós temos Rogério", dizia uma faixa exibida no Estádio do Morumbi na grande final da Libertadores, em 14 de julho, em sua homenagem. Depois de um treino e uma longa sessão de chutes a gol na Barra Funda, Rogério cedeu alguns bons minutos de seu tempo à reportagem da revista oficial do SPFC. E falou, entre outros assuntos, sobre carreira, filhos e futuro.

Você é o jogador que mais atuou pelo São Paulo. Dificilmente, alguém alcançará essa marca. Que sabor tem isso?

É especial porque construí uma história, uma vida no São Paulo. Acredito que se manter por tantos anos em um clube de ponta é tão importante quanto um título ou uma grande conquista. É uma marca que vou carregar para o resto da vida com muito orgulho. Para alguém bater esse recorde, vai demorar talvez uma ou duas décadas, como foi com o Waldir Peres.

O carinho que recebeu de torcedores adversários na Libertadores o surpreendeu?

Tivemos uma recepção muito legal no México. Foi bem bacana. A Libertadores e a Sul-Americana são torneios que outras emissoras, além da Rede Globo, transmitem, como a Fox, que leva imagens para o mundo todo. Como goleiro fazer gol é uma coisa atípica, ainda mais dois em jogo de fase decisiva de Libertadores, os que fiz terminaram sendo algo especial. Mas também chamaram a atenção porque o mexicano gosta muito de futebol. Até mais que brasileiro. Depois da partida em que nos classificamos, fomos reconhecidos nos shopping.

O que viveu e conquistou em 15 anos de carreira no SPFC traz reconhecimento, mas também cobrança. De que maneira trabalha esses aspectos?

Não há como fugir disso. Nos êxitos e nas vitórias, o coroamento maior acaba sendo para determinado jogador, assim como nas derrotas o peso maior recai sobre o mesmo atleta. É preciso estar preparado para os dois lados. Vibrar e ficar eufórico na hora da conquista, sim. Mas não abusar. Por

outro lado, não pode achar que você não tem capacidade. Que é ruim. Tem de haver meio-termo, equilíbrio para não ser levado pela empolgação do torcedor e, nos momentos difíceis, não se abater com pressões e críticas. Neste ano, não fomos vaiados no Morumbi em nenhum jogo. Apesar de termos ganho tudo no primeiro semestre, no segundo passamos por um instante difícil. Mas o torcedor sempre aplaudiu. O problema é que a imprensa necessita de notícias e acaba transformando a opinião dos torcedores. Muitas vezes, o maior cuidado que se precisa tomar é com ela. Para mim, é o maior poder que existe no mundo. E, em especial, no Brasil.

No primeiro jogo contra o Tigres, você fez dois gols, mas perdeu pênalti. No final, saiu aborrecido de campo. A autocrítica não foi excessiva?

Era um momento em que o quinto gol definiria a classificação. E, em tese, era o mais fácil dos três. Mas a bola não quis entrar. Foi caprichosa. Estragou um dia que poderia ser coroadado. Por outro lado, foi muito bacana, pois ganhamos de uma equipe que estava invicta na competição até aquele jogo. Fizemos quatro gols em casa e não sofremos nenhum. Era um resultado que, praticamente, garantia o São Paulo. De maneira geral, fiquei contente porque os que mais precisaram entrar, que foram contra Palmeiras e River, entraram. Não que pudesse desperdiçar, não é isso, mas aquele foi o que menos fez falta.

Uma faixa que dizia "Todos têm goleiros. Só nós temos Rogério" foi exibida na final da Libertadores. Como esse tipo de manifestação mexe com o atleta?

É bacana, porque retrata, por meio da frase, a realidade de ter um único profissional (*goleiro*) que faz cobranças de falta e pênalti no futebol brasileiro. Acho que é mais ou menos isso que eles (*torcedores*) querem dizer, com palavras mais carinhosas e expressivas. Mas, para mim, a frase mais bacana das torcidas é aquela da Independente que diz: "Para conquistar o mundo, é preciso atravessá-lo". É coerente, pois só é campeão do mundo quem vence a América e cruza o oceano.

Mudando o rumo de nossa conversa, Raí disse certa vez que não há amor que se compare ao de pai. Concorda com essa visão?

É verdade. A vida muda muito depois que você tem filhos. Para mim, vieram duas de uma vez. Foi muito bacana. Adoro a sensação. Nos últimos meses, existem poucas coisas que faço. Quando não estou treinando, concentrando ou jogando, estou em casa brincando com as crianças ou cuidando delas. Penso apenas em trabalhar, descansar e ficar com minhas filhas. Realmente, a vida passa a ser, ao menos nesses primeiros anos, exclusiva ao trabalho e a elas. Não há mais outra coisa que dê tempo de fazer. Nem que eu queira.

Nem tocar guitarra?

Mas nem. Toco apenas para elas. Adapto músicas, como fiz com uma do Nando Reis. Numa canção, ele diz (*neste momento, Rogério solta a voz*): "É o amor/É o calor". No refrão, ele fala: "Lá, lá, lá, lá". E eu fiz, já que os nomes delas são Clara e Beatriz: "Cla/Claara/Claara e Bia". Elas gostam bastante.

No futuro, será técnico, dirigente, empresário ou músico?

Empresário, com toda a certeza, não. Músico, com mais certeza ainda, não. Das quatro, ficam as duas primeiras como possibilidades. Mas não devo seguir nenhuma delas assim que parar, daqui a três ou cinco anos.



COSTAS LARGAS
...uma muralha com mais de 600 exibições pelo SPFC: recorde absoluto

HOJE
Na versão
técnico de
futebol

**TÍTULOS CONQUISTADOS
PELO SÃO PAULO**

Bicampeão
Paulista
1985/1992

Bicampeão da
Taça Libertadores
da América
1992/1993

Campeão Mundial
Interclubes
1992

Revelado pelo Bragantino, **PINTADO** marcou época no São Paulo, time pelo qual faturou títulos de torneios importantíssimos no início dos anos 90, como Mundial Interclubes e Libertadores da América

**OUTROS CLUBES
QUE DEFENDEU**

Bragantino-SP
Cruz Azul (MEX)
Santos-SP
América-MG
Atlético-MG
Cerezo Osaka (JAP)
Portuguesa-SP
Inter de Limeira-SP
Santa Cruz-PE
União São João-SP
Brasiliense-DF

CORAGEM de campeão

**Por Fernando Savaglia
Colaborou Raul Snell Jr.**

Poucos torcedores se lembram, mas o volante Pintado, que marcou época na máquina de jogar futebol comandada por Telê Santana no começo dos anos 90, já havia tido uma passagem pelo Tricolor na década anterior. Luis Carlos de Oliveira Preto iniciou carreira no Clube Atlético Bragantino, clube de sua cidade natal. Na época, atuava como lateral-direito.

A origem de seu apelido, segundo o ex-jogador, vem de sua infância no interior. "Um dia, faltou o garoto que era o goleiro do meu time. O técnico, então, apontou para mim e, como eu era sardento, disse que o 'Pintado' seria o goleiro", relembra. "A molecada começou a rir e o apelido pegou."

No final de 1984, seu passe foi vendido ao São Paulo. Sob o comando de Cilinho, porém, não teve muitas oportunidades. Fez somente duas partidas no Paulistão de 1985. Acabou emprestado justamente à equipe que o revelou. Naquela altura, já tinha passado por todas as posições da defesa. A estréia como volante acabou sendo por acidente. E foi promovida pelo atual técnico da seleção brasileira. "O Parreira (treinador do Bragantino na época) me perguntou se eu queria jogar no meio ou na lateral. Pensei que ele estava se referindo ao miolo da zaga, mas, na verdade, estava falando do meio-de-campo", diz. "Topei atuar no meio e, de repente, me vi escalado como volante (risos)."

No São Paulo, Pintado garante que teve grande privilégio ao jogar ao lado de Toninho Cerezo. "Me ensinou muito da posição. Me ajudava bastante. Sempre que eu estava pressionado na saída de bola, ele aparecia para jogar", recorda-se. "Ele possuía um senso de colocação fantástico dentro do gramado."

Entre os vários momentos vitoriosos daquela equipe que tudo faturou nos anos 90, o volante destaca a final do Mundial Interclubes contra o Barcelona. "Naquele jogo, eu tinha uma função específica: proteger mais nossa cabeça-de-área e dar cobertura aos nossos laterais. Além disso, tinha de encostar no Laudrup." E, com toda a raça que lhe era peculiar, o volante simplesmente anulou o craque dinamarquês.

"Ninguém nem lembra que ele jogou aquela partida", diverte-se o ex-camisa cinco Tricolor.

Depois do confronto, Pintado procurou o treinador Telê Santana para conversar. Sobre o episódio, o ex-volante explica: "Ele me deu a grande oportunidade num momento difícil da minha carreira. Me deu a chance de provar para o São Paulo que eu tinha condições de jogar no clube. Quando voltamos do Japão fui agradecer-lhe. Ele me disse que eu não tinha nada que fazer aquilo e que tudo que eu tinha conquistado era pelos meus próprios méritos. Aquilo me marcou muito".

NO EXTERIOR

Quando atravessava sua melhor fase no São Paulo, uma proposta considerada irrecusável pelo próprio ex-atleta o levou para o futebol mexicano. "O Telê não queria me liberar, mas o São Paulo não tinha como cobrir a oferta do Cruz Azul." Durante quatro anos, ele defendeu a agremiação da capital mexicana. "Tive uma adaptação muito rápida. No primeiro ano, fomos para a final do campeonato nacional. Na minha terceira temporada, fomos campeões com um gol meu."

De volta ao Brasil, ficou seis meses no Santos. Na sequência, retornou ao Cruz Azul. No México, permaneceu por um ano. Novamente em nosso país, o ex-volante defendeu dois dos mais tradicionais clubes de Minas Gerais: América e Atlético. Em seguida, transferiu-se para o Cerezo Osaka, uma das principais equipes do ascendente futebol japonês.

Após esse episódio, Pintado ainda rodaria muito. "Em 1999, joguei na Portuguesa sob o comando do Zagallo. Depois, passei por Inter de Limeira, Santa Cruz, União São João, onde fui vice-brasileiro da Segunda Divisão." O último clube de Pintado foi o Brasiense. "Nos meus instantes finais como atleta profissional, já estava planejando trabalhar como técnico. Em 2002, investi num canal de televisão em Bragança ao mesmo tempo em que preparava terreno para ser treinador."

A estréia na nova função não poderia ser melhor. Conseguiu

levar a Internacional de Limeira à primeira Divisão do Campeonato Paulista. "O problema é que, como técnico, você nunca esta empregado. Está sempre prestes a ser mandado embora (risos)", ironiza o ex-volante ao analisar a sua atual atividade.

Pintado, após uma passagem pelo América-MG, também esteve

à frente do Atlético de Sorocaba.

Sobre todos os técnicos com quem trabalhou, não esconde sua maior influência, respondendo sem pensar muito: "Telê Santana. Hoje me espelho muito nele. Lembro a maneira como ele trabalhava e procuro usufruir isso. Ele me ajudou de forma fundamental na minha carreira".

"Um dia, faltou o garoto que era o goleiro do meu time. O técnico, então, apontou para mim e, como eu era sardento, disse que o 'Pintado' seria o goleiro"

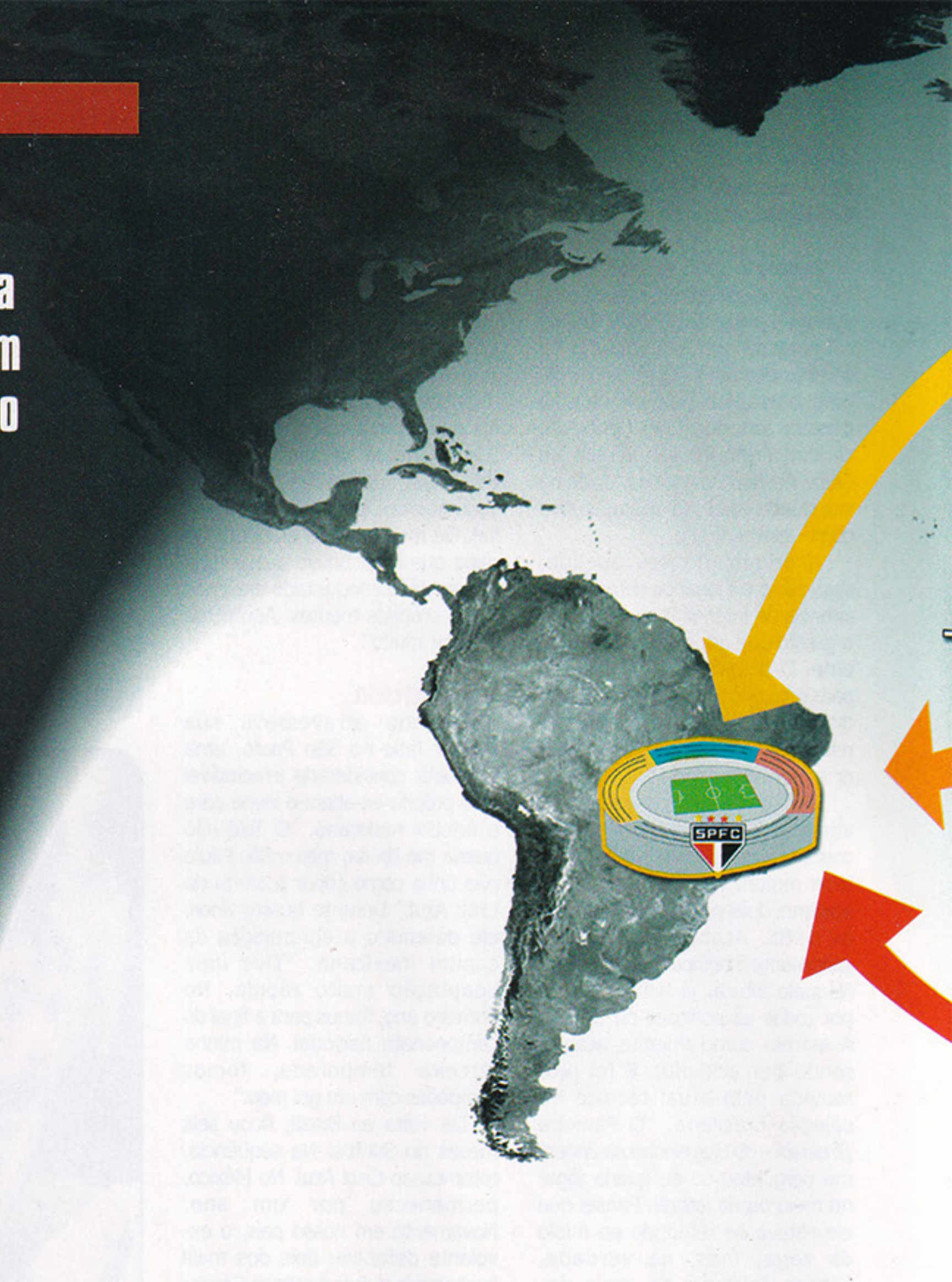


ANTES
Como volante:
campeão
de tudo que
disputou
pelo SPFC

**PINTADO - Luis Carlos
de Oliveira Preto
Nascimento: 17/09/65
Local: Bragança Paulista
Jogos pelo SPFC: 119**

REPRODUÇÃO

No futebol da América do Sul, existe uma praxe: quando uma equipe sagra-se campeã de um torneio importante, seu elenco termina se desmantelando quase instantaneamente. Após a Libertadores, porém, o São Paulo trabalhou para não ser tragado por essa máxima. Além de manter seus ídolos, reforçou o plantel com **CHRISTIAN**, **LEANDRO BOMFIM** e **RICHARLYSON**, que, a seguir, revelam perspectivas e curiosidades



Sentido inverso

Por Alessandro Gonçalves

Depois de saborear doces momentos ao conquistar as Américas, o time do Morumbi teve de lidar com muitas especulações, já que vencer uma competição dessa envergadura traz, naturalmente, visibilidade ao clube, mas também valorização e assédio a seus atletas. No caso do Tricolor, a única baixa foi Luizão, que, com o término do torneio, foi para o Nagoya Grampus, do Japão. Sua transferência, porém, fora acordada durante o Campeonato Paulista. Para complicar a situação, a abertura do mercado europeu no meio do ano expôs o São Paulo a uma dura ambigüidade que atinge todas as agremiações sul-ame-

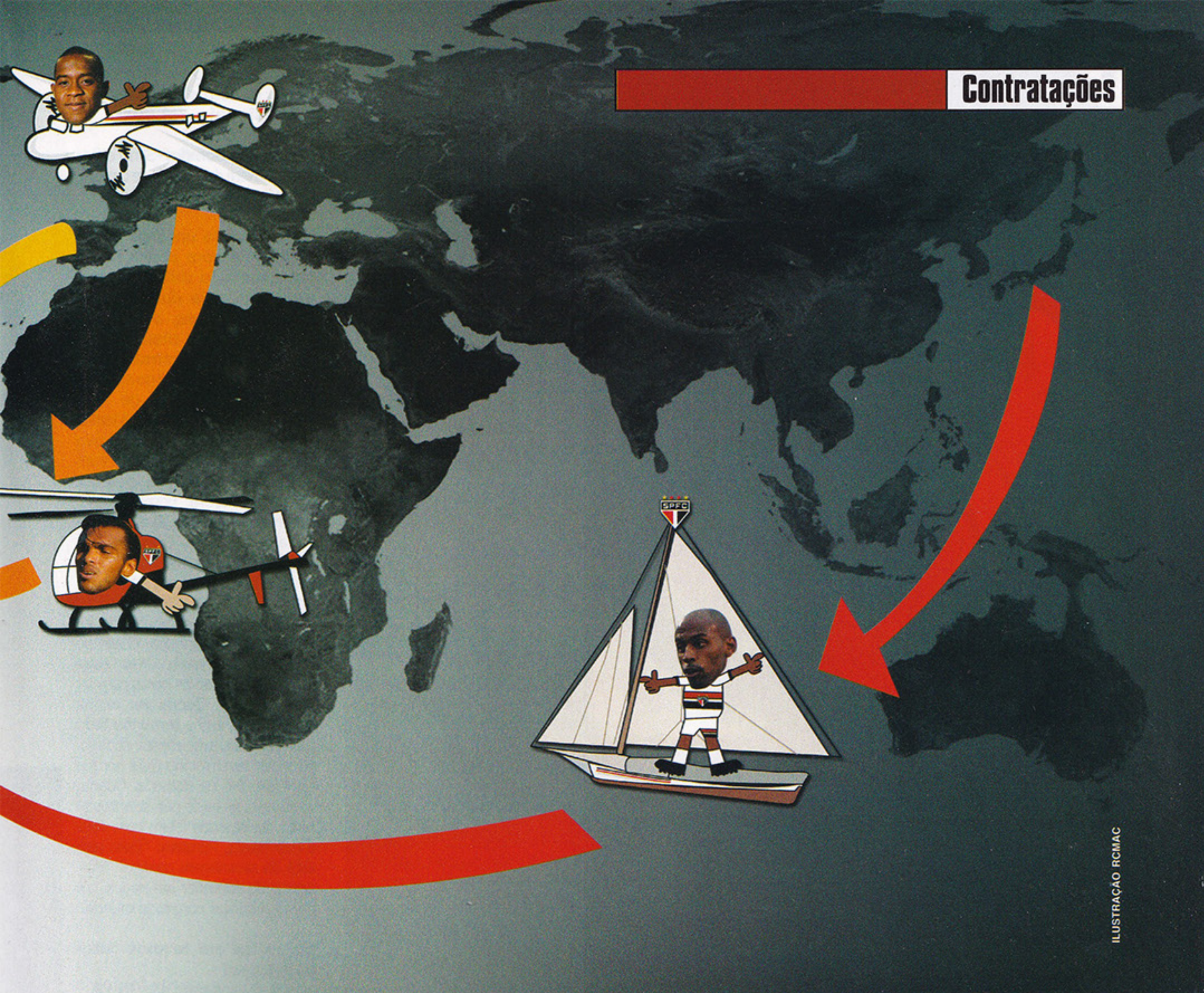


ILUSTRAÇÃO RCIMAC

ricanas. Se por um lado é um instante em que podem negociar seus craques e ganhar algum dinheiro, por outro existe a possibilidade de ficarem desfalcadas em importantes certames, como o Campeonato Brasileiro.

Remando contra a corrente, o Tricolor esforçou-se para manter seus ídolos. Um exemplo disso aconteceu com o defensor uruguaio Diego Lugano. Mesmo tendo recebido boas propostas de Sevilla, da Espanha, e Liverpool, da Inglaterra, possível adversário do São Paulo no Mundial Interclubes, o beque continuou. De todos, Cicinho foi o único a ser negociado. O lateral-direito partirá, no entanto, em janeiro de 2006, quando se juntará ao

elenco do Real Madrid.

Afora não vender jogadores, o Tricolor buscou mais peças, inclusive de reposição. Com a saída de Luizão, foi preciso trazer outro atleta para a posição. Em pouco tempo, Christian, que estava defendendo o japonês Omiya Ardija, foi contratado. "Graças a Deus, tive a chance de vir jogar no São Paulo. Não é qualquer um que tem essa oportunidade", diz, cheio de alegria.

Ele veio com a missão de balançar as redes, o que sempre fez por todos os clubes que passou. Aos 30 anos, carrega no currículo diversas experiências internacionais. Vestiu a camisa de times como Estoril e Marítimo, de Portugal. Jogou na França, país em que defendeu Bordeaux e Paris Saint Germain;

e também na Turquia, onde atuou pelo Galatasaray.

Em situação semelhante, veio Leandro Bomfim, porque, apesar da pouca idade, 21 anos, o meia, que chegou por empréstimo, também se firmou no exterior. Revelado pelo Vitória, time baiano no qual ascendeu ao profissional, foi para a Holanda apenas seis meses depois de ter se apresentado ao elenco principal. "Fui para a Europa com 17 anos. No começo, foi muito difícil", recorda-se. Bomfim permaneceu por três temporadas no PSV Eindhoven. E, na sequência, foi para o Porto, de Portugal. Como não estava sendo aproveitado, aceitou a proposta tricolor. "Esse começo de trabalho está indo muito bem. Estou curtindo."

Antes de contratar Christian e Bomfim, entretanto, o São Paulo havia fechado com Richarlyson, meia que estava no Santo André. Por pendências judiciais, porém, não pôde vestir o manto tricolor logo que aportou no Morumbi. "Estava numa fase maravilhosa no momento em que vim para cá. Pena que fiquei quase dois meses parado, o que quebra um pouco esse ritmo." Nas páginas a seguir, conheça um pouco mais da personalidade de cada um desses jogadores, que estão com fome de bola e vontade de deixarem seus nomes cravados na história do Tricolor do Morumbi, como mostra Richarlyson. "Espero ser marcante no clube para que a torcida nunca se esqueça de mim."

"Graças a Deus, tive a chance de vir jogar no São Paulo. Não é qualquer um que tem essa oportunidade"

CHRISTIAN Correa Dionísio

Nascimento: 23/04/75

Local: Porto Alegre (RS)

Altura: 1,85m

Peso: 77 quilos

Posição: atacante

Clubes: Internacional-RS, Marítimo, Estoril, Farense (POR), PSG, Bordeaux (FRA), Palmeiras-SP, Galatasaray (TUR), Grêmio-RS e Omiya Ardija (JAP)

Principal arma: ótima presença de área

Voltar para o Brasil - principalmente no seu caso, pois você construiu carreira no exterior - estava nos planos?

Christian - Programado, não. A vida, porém, é feita de oportunidades. Graças a Deus, tive a possibilidade de jogar no São Paulo. Vim com o maior prazer. Afinal, não é qualquer um que tem essa chance. Todo atleta gostaria de defender o São Paulo por ser um clube organizado, que tem estrutura e proporciona visibilidade internacional.

Como foi o reencontro com velhos amigos?

C - Fiz amizade com Rogério Ceni quando fomos convocados. Também na seleção, dividi quarto com Amoroso. Quando eu tinha 12 anos, joguei com Mineiro no juvenil do Internacional, clube em que comecei. Em Portugal, defendi o Estoril e o Marítimo, onde conheci, aos 16 anos, Paulo Autuori. Mas o grupo inteiro é espetacular. Todos têm me ajudado bastante nessa readaptação ao futebol brasileiro.

Está próximo do ritmo ideal?

C - Sim. Para quem é grande, é um pouco mais difícil de recuperar a forma. É outro tipo de trabalho. Também pesa o fato de ter ficado oito meses no Japão.

Lá, o treino é muito diferente. É baseado na corrida de longas distâncias. Não existia trabalho específico para a parte muscular. Estou tendo isso no São Paulo. Em breve, estarei em nível ideal para jogar bem.

O que aprendeu com as experiências que teve em tantos clubes?

C - Tive boa passagem pelo Paris Saint Germain. No Galatasaray, joguei pouco tempo. Talvez uns seis meses. Na Turquia, é mais difícil para se adaptar. Em seguida, apareceu uma oportunidade no Grêmio. Foi quando retornei. Fui bem, apesar de que, no início, também foi complicado em relação à parte física. Em todos os lugares pelos quais passei, sempre venci na base de muito trabalho e esforço. O torcedor do São Paulo, e isso é uma promessa, pode ter a certeza de que vou conseguir sucesso aqui.

Você estava no elenco de Grêmio e Palmeiras quando os times caíram?

C - Fazia parte daquele time do Grêmio que caiu em 2004, mas estava machucado. Joguei apenas as últimas partidas. No Palmeiras, fiquei durante o primeiro semestre de 2002. Não tive tempo de disputar o Brasileiro. Tinha contrato

de seis meses. Cumprí cinco porque o Bordeaux solicitou minha volta. Foi difícil no Grêmio. Não desejei aquilo a ninguém.

Dizer que você é pé-frio, então, é injustiça das bravas?

C - Sem dúvida. Não joguei sozinho. Eram mais vinte. Vários jogadores importantes passaram por isso. E, depois, seguiram adiante. Essa história de pé-frio é normal. Não podemos agradar a todos. O que posso dizer é que, de minha parte, estou tranquilo. Procuro sempre fazer meu melhor. Aqui, não quero nem pensar nisso. Ficou para trás. No São Paulo, é do zero para frente.

Seu negócio é marcar gol, mas também tem se destacado fazendo o pivô...

C - Também gosto bastante de cabecear. Minha característica é de jogador de área. Sou o cara da definição, do último toque. Faço pivô, escoro uma bola, cabeceio, gosto de concluir. Isso é o que mais sei. Mas a conclusão dentro da área é o meu melhor. Se tiver de sair, me movimentar, tentar criar um espaço para algum companheiro, faço sem problema. ■

Você começou no Vitória da Bahia e, com seis meses no profissional, foi para a Holanda. Certo?

Leandro Bomfim - Sim. Foi isso mesmo. Nem deu tempo de disputar Brasileiro. Foi tudo muito rápido.

Ter encarado um país como a Holanda com pouca idade deve ter sido difícil, principalmente pela distância de seus familiares, o frio e o idioma. De que maneira superou essas barreiras?

LB - Foi muito difícil no começo. Fui em 2001 e tive de ficar treinando para me adaptar à forma como eles jogavam. Chorava sempre e, quando falava com minha mãe por telefone, dizia que queria ir embora. Foram quatro meses de sofrimento. Mas também de aprendizado. Cresci como homem. Como pessoa. Viver sozinho, às vezes, é bom. Aprende-se a dar valor a diversas coisas. Em 2002, comecei a jogar. Foi bem mais tranquilo. O tempo passava rapidamente. Mas ficava sempre contando as horas para vir para o Brasil. Queria ver minha família. Meu irmão terminou indo para lá. Ficou três meses comigo. Não quis levar minha mãe porque faz muito frio na Holanda. Quanto ao idioma, no início não se entende nada. As pessoas falam com você e dão risada. Pensava: "Esse cara está de sacanagem comigo". Mas, depois de aprender um pouco, comecei a brincar com todo mundo.

Como foi em termos futebolísticos?

LB - No primeiro ano, fomos campeões holandeses. Pude jogar todas as partidas. No segundo, atuei durante o primeiro turno inteiro. No segundo, porém, por causa de uma operação no púbis, fiquei três meses afastado. No terceiro ano, que foi na temporada passada, cheguei a disputar 12 partidas. Mas entrei em litígio com o PSV, ganhei meu passe e fui para o Porto, onde fiquei sete meses. Fiz algumas partidas. Lá, é outro futebol, outra cultura. O treinador holandês que chegou optou por não contar comigo nesta temporada. E, como surgiu a proposta do São Paulo, resolvi voltar para o Brasil.

Em que aspectos sua técnica desenvolveu nesses países?

LB - No Brasil, tinha saído do profissional havia pouco tempo. O futebol daqui não tem a mesma dinâmica do que é disputado na Holanda. Lá, a bola praticamente não pára. Aprende-se a

jogar mais sem ela. Para mim, o toque deles não é muito bonito, como o nosso. Mas dificilmente perdem a posse de bola. Tocam de pé em pé e dão passes longos com bastante facilidade. Além disso, saem na hora certa e no lugar certo e se desmarcam muito bem. O brasileiro soma o talento a todas essas outras características.

Mesmo jogando fora do Brasil, você sempre foi convocado para disputar jogos pela seleção brasileira. Foram Sub-15 (1999), Sub-16 (2000), Sub-17 (2001)...

LB - De fato, joguei Sub-15, Sub-16, Sub-17. Tive algumas convocações para Sub-20 (2003) na Espanha e na Itália. Mas, para disputar o Sul-Americano e o Mundial, o PSV não me liberou. Eles foram campeões, mas não pude participar. É chato quando o jogador é convocado e o clube não libera. ■

LEANDRO BOMFIM

Nascimento: 08/01/1984

Local: Salvador (BA)

Altura: 1,74m

Peso: 68 quilos

Posição: meia

Clubes: Vitória-BA, PSV Eindhoven (HOL) e Porto (POR)

Principal arma: qualidade nos passes



"Esse começo de trabalho está indo muito bem. Estou curtindo"



Contratações

"Espero ser marcante no clube para que a torcida nunca se esqueça de mim"

RICHARLYSON Barbosa Felisbino

Nascimento: 27/12/82

Local: Natal (RN)

Altura: 1,76m

Peso: 72 quilos

Posição: meia

Clubes: Ituano-SP, Santo André-SP (duas passagens), Fortaleza-CE e S.V. Wustenrot Salzburg (ÁUS)

Principal arma:

versatilidade

Seu pai foi jogador. Quem é ele?

Richarlyson - Ficou conhecido como Lela. Como diziam naquela época, era ponta-direita. Às vezes, centroavante. O ápice da carreira dele foi em 85, no Coritiba, quando foi campeão brasileiro. Também defendeu o Fluminense. Mas jogou fora do Brasil, em países como Bélgica e Itália. Nós o acompanhávamos aonde quer que fosse. Em virtude disso, nasci em Natal, Rio Grande do Norte. Meu irmão também é jogador. Começou no Vitória da Bahia. É o Aleksandro (*atacante do Cruzeiro*). Prefiro ser meia. Faço, porém, se preciso for, até um papel mais defensivo.

Você viveu uma história inusitada no Vitória. O que aconteceu exatamente?

R - Fiquei dois meses lá. Passei na avaliação, mas, como foi no final do ano, setembro ou outubro, não havia como estudar. Iria perder aquele ano escolar. Acabei desistindo. Voltei para casa. Em janeiro de 98, estava treinando em uma escolinha de Novo Horizonte para não ficar parado. Foi quando o pessoal do Ituano me viu e gostou.

Quando chegou ao São Paulo, por problemas com o

Santo André, ficou apenas treinando. Isso mexeu com sua cabeça?

R - Fiquei cerca de um mês e meio por causa da liberação judicial. Eu tinha entrado contra o Santo André para pegar meus direitos. Ganhei em primeira instância. Cheguei ao São Paulo com essa liberação na mão. Mas eles ganharam em seguida e cassou a liminar. Esse impasse acabou sendo gerado. Ganhava uma e perdia outra. Fiquei treinando. Até pedir que o pessoal do São Paulo fizesse um acordo com o Santo André. Fiquei ansioso, me perguntando se voltaria com o pique e a pegada de antes. Foi difícil, mas também um aprendizado, uma lição. Estou feliz por poder estar aqui e trabalhando.

Antes disso tudo, porém, quase você fechou com o Palmeiras...

R - Foi um fato curioso. Um erro de comunicação. Quem fez isso foi meu empresário. Mas o Palmeiras foi esperto. Mesmo sabendo que eu tinha uma conversa com o São Paulo, o clube marcou outra no mesmo dia. Com o Tricolor, era no final da tarde e, com eles, na hora do

almoço. Só que seguraram meu empresário até 8h da noite. Fizeram de tudo para que acertasse com o Palmeiras. Por certa inexperiência, meu empresário cedeu à pressão deles. Chegou a assinar uma carta de intenção. Como a diretoria deles é muito esperta, marcou, no outro dia pela manhã, um exame médico para mim. Estava em casa, em Bauru, quando meu empresário ligou e disse: "Você tem de vir para cá e fazer exame médico no Palmeiras. Na hora do almoço, temos de nos reunir com o São Paulo". Vim, fui lá e, na hora combinada, conversei com o pessoal do São Paulo. A negociação evoluiu com o clube do Morumbi e, à noite, assinei.

Gostaria de mandar algum recado para a nação tricolor?

R - Estou muito feliz porque o São Paulo era um sonho que eu tinha e pude realizar. Estou maravilhado com esse clube, com a grandeza que ele é. A cada dia, me esforço ao máximo para melhorar, encontrar meu espaço aqui e dar alegrias a essa torcida. Agradeço a receptividade de todos. ■

Especial

USINA de

VASTIDÃO PRODUTIVA

Vista área dos 220 mil metros quadrados destinados aos futuros craques



TALE



Dando prosseguimento à tradição de revelar craques, o São Paulo Futebol Clube inaugurou recentemente um dos maiores empreendimentos de sua história: o **CENTRO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS PRESIDENTE LAUDO NATEL**

NTOS

Por **Guilherme de Almeida**

Em 16 de julho, foi inaugurado em Cotia o Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel. Localizado a poucos minutos da capital paulista, o CFA vai abrigar as categorias de base. Instalado numa área de 220 mil metros quadrados, o empreendimento conta com a mais moderna infra-estrutura já colocada à disposição, no Brasil, para a formação de novos talentos. No total, são sete campos de treinamento, cinco com dimensões oficiais que foram projetados para ter drenagem perfeita. Afora isso, contam com um sistema de irrigação computadorizada. Os quatro alojamentos principais têm capacidade para 95 jovens. Cada quarto, com banheiro próprio, abriga duas pessoas.

No CFA, há também consultórios médico e odontológico, refeitório equipado com cozinha industrial de última geração, piscina e um moderno centro de Reabilitação Esportiva Fisioterápica e Fisiológica (Reffis) similar ao do CCT da Barra Funda. "Esse é o maior empreendimento do São Paulo Futebol Clube após a construção do Morumbi", afirma o presidente Marcelo Portugal Gouvêa. "É uma obra magnífica que tivemos a felicidade de inaugurar apenas dois dias depois da conquista do tri da Libertadores."

Já programada, a segunda fase de ampliação do Centro de Formação de Atletas inclui a construção de arquibancada, estacionamento, quadras poliesportivas, ginásio coberto, mais cinco campos de futebol e um hotel para jogadores estrangeiros, cujo projeto ficou a cargo do arquiteto Ruy Ohtake. "O hotel se destinará às clínicas que vamos fazer para atletas do exterior", diz Juvenal Juvêncio, diretor de futebol, um dos responsáveis pela consolidação do empreendimento. O dirigente vai além. "Com a receita gerada, vamos tornar o centro de treinamento auto-sustentável", acredita.

Juvêncio, que acompanhou dia a dia a evolução das obras, ainda frisa a importância de possuir um local com estrutura adequada para a geração de atletas. "Sempre tivemos a tradição de formar jogadores, mas fisicamente não tínhamos um local apropriado", pondera. "Não podíamos edificar nada no CT de Guarapiranga por uma questão de zoneamento. O CCT da Barra Funda é

BELEZA ORIGINAL
Além de contar com infra-estrutura completa, o local deixa os jogadores em contato com a natureza



FÉ TRICOLOR
Até capela o CFA tem



"Tenho a certeza de que, com o Centro de Formação de Atletas Laudo Natel, o São Paulo Futebol Clube marca uma nova etapa de sua história"
JUVENAL JUVÊNCIO,
diretor de futebol

utilizado pelos profissionais enquanto o Morumbi é destinado apenas ao espetáculo em si", explica. "Tenho a certeza de que, com o Centro de Formação de Atletas Laudo Natel, o São Paulo Futebol Clube marca uma nova etapa de sua história", finalizou o dirigente.

Em breve pronunciamento, durante a inauguração do CFA, o presidente Marcelo Portugal Gouvêa

destacou o trabalho de Paulo Elycio de Andrade, vice-presidente social falecido há pouco tempo. "Ele foi um dos maiores incentivadores dessa obra. Com Juvenal Juvêncio, fez a primeira visita ao terreno."

A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

Um dos nomes mais proeminentes na história do Tricolor, o ex-

QUE FESTA

Realizada dois dias depois da conquista da Libertadores da América, a festa de inauguração teve como pontos altos a chegada dos jogadores tricampeões e uma belíssima queima de fogos. A cerimônia contou ainda com a presença de autoridades da cidade de Cotia, ex-presidentes do São Paulo e membros da atual diretoria.



ENCONTRO DE NOTÁVEIS

Da esq. à dir.: Benedito Ruy Barbosa (*conselheiro*), Antônio Luiz Belardo (*cons. e diretor-social*), Juvenal Juvêncio (*cons. vitalício e diretor de Futebol*), Carlos Miguel Aidar (*cons. vitalício*), Laudo Natel (*patrono do clube*), Manoel Raymundo Paes de Almeida (*cons. vitalício*), Ruy Ohtake (*arquiteto*), João Paulo de Jesus Lopes (*diretor de Planejamento*) e Marcelo Portugal Gouvêa

“Me sinto muito sensibilizado, pois o São Paulo é a minha casa”

LAUDO NATEL, ex-presidente tricolor cujo nome batiza o Centro de Formação de Atletas

governador do Estado de São Paulo e ex-presidente são-paulino Laudo Natel esteve presente à inauguração e se disse muito emocionado pelo fato de o empreendimento levar seu nome. Natel, que atuou por 20 anos como dirigente, lembrou que, em 1952, ao chegar ao São Paulo, encontrou o clube num momento muito diferente do atual. “Quando cheguei, o clube tinha várias dificuldades financeiras. Hoje, vejo com muita satisfação esse magnífico patrimônio, que conta com um grande estádio, o moderno centro de treinamento da Barra Funda e este Centro de Formação de Atletas, além da grande projeção internacional”, disse. “Na realidade, me sinto muito sensibilizado, pois o São Paulo é a minha casa”, complementou.

Outro personagem presente à inauguração e que contribuiu decisivamente para a grandeza do clube no passado foi Manoel Raymundo Paes de Almeida. “Estou muito feliz de ver homens trabalhando para o São Paulo, como esses da atual diretoria. Dias depois da conquista do tricampeonato da

Libertadores, observar essa obra maravilhosa que aumenta nosso patrimônio é muito gratificante.”

Para Julio Moraes, diretor responsável pelas categorias de base do clube, o novo Centro de Treinamento é a realização de um sonho antigo. “Esse espaço é um presente para toda a comunidade são-paulina. Com certeza, daqui sairão muitos frutos para o nosso futebol profissional.”

Entre os conselheiros presentes e eufóricos, um não escondia a satisfação com o novo Centro de Formação de Atletas. “Este lugar emociona qualquer tricolor. Isso é o futuro do clube. Eu, que acompanhei a construção do Morumbi, sei que o São Paulo sempre olhou mais para o futuro do que seus adversários”, ressaltou Benedito Ruy Barbosa, um dos mais respeitados escritores de novela do Brasil. “Aqui tem muito dinheiro investido, é verdade. Mas também muitos sonhos. Daqui, sairão os futuros grandes astros do São Paulo. E um atleta que o clube venda daqui a alguns anos vai pagar tudo o que foi investido.”

Linha Profissional

SBS (44) 9102-3608

Linha Promocional

Dpto. Comercial
0800-707-7847
www.kagiva.com.br

Agora também com embalagem personalizada da sua empresa

BRASILEIRO 2005

7º JOGO

PAYSANDU 2 X 2 SÃO PAULO

PAYSANDU Alexandre Fávoro; Cláudio, Sílvio, Nelinho e Leandro; Vânderson (Rodrigo), Alemão (Luís Augusto), Sandro e Donizete Amorim; Róbson e Eder Cecon (Balão) • **Técnico:** Paulo Campos

SÃO PAULO Rogério Ceni; Michel (Renan), Alex, Diego Lugano e Júnior; Mineiro, Josué, Souza (Marco Antonio) e Danilo; Luizão (Vélber) e Roger • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Rogério Ceni aos 19min e Róbson aos 39min do primeiro tempo; Róbson aos 3min e Roger aos 20min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Róbson; Luizão, Souza e Lugano • **Cartão vermelho:** Alex • **Data:** 12/06 • **Juiz:** Leonardo Gaciba • **Local:** Estádio do Mangueirão, Belém (PA)

8º JOGO

SÃO PAULO 1 X 0 BOTAFOGO-RJ

SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Flávio; Michel (Marco Antonio/Alê), Renan, Josué, Souza e Hernanes; Roger e Davi (Paulo Matos) • **Técnico:** Paulo Autuori

BOTAFOGO Jefferson; César Prates, Rafael Marques, Scheidt e Bill; Leandro Carvalho (Emerson), Túlio, Almir e Glauber (Marcelinho); Caio (Joilson) e Alex Alves • **Técnico:** Paulo César Gusmão

Gol: Paulo Matos aos 31min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Hernanes e Lugano; Leandro Carvalho, Glauber, Túlio e Emerson • **Data:** 19/06 • **Juiz:** Evandro Rogério Roman • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

9º JOGO

SÃO PAULO 1 X 3 INTERNACIONAL-RS

SÃO PAULO Rogério Ceni; Michel (Adriano), Alex, Flávio e Hernanes (Vélber); Alê, Renan, Marco Antonio (Daniel Rossi) e Souza; Roger e Paulo Matos • **Técnico:** Paulo Autuori

INTERNACIONAL Clemer; Wilson, Edinho e Vinícius; Élder Granja (Ceará), Edmilson, Perdigão (Gavilán), Tinga e Alex; Fernandão e Iarley (Rodrigo Paixão) • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Iarley aos 30min e Souza aos 36min do primeiro tempo; Fernandão aos 8min e Tinga aos 38min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Alex e Roger • **Data:** 25/06 • **Juiz:** Wagner Tardelli Azevedo • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

10º JOGO

PONTE PRETA 1 X 0 SÃO PAULO

PONTE PRETA Lauro; Luciano Baiano, Rafael Santos, Galeano e Bruno; Éverton, Ângelo, Carlinhos, Danilo (Luciano Santos) e Evando (Gabriel); Kahê (Frontini) • **Técnico:** Oswaldo Alvarez

SÃO PAULO Rogério Ceni; Michel, Flávio, Adriano e Hernanes; Alê, Renan, Denilson (Artur) e Marco Antonio; Davi (Paulo Matos) e Vélber • **Técnico:** Paulo Autuori

Gol: Evando aos 33min do primeiro tempo • **Cartão amarelo:** Galeano e Frontini; Hernanes e Renan • **Data:** 02/07 • **Juiz:** Edilson Pereira de Carvalho • **Local:** Estádio Moisés Lucarelli, Campinas (SP)

11º JOGO

SÃO PAULO 2 X 0 FLAMENGO

SÃO PAULO Roger Noronha; Edcarlos, Adriano e Flávio; Michel (Hernanes), Alê, Marco Antonio, Souza e Fábio Santos; Roger (Daniel Rossi) e Diego Tardelli • **Técnico:** Paulo Autuori

FLAMENGO Diego; Leonardo Moura, Rodrigo, Júnior Baiano e André Santos (Bruno); Augusto Recife, Róbson, Júnior (Felype Gabriel) e Renato; Jean (Fabiano Oliveira) e Obina • **Técnico:** Celso Roth

Gols: Júnior Baiano (contra) aos 15min e Hernanes aos 45min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Alê e Daniel Rossi; Augusto Recife • **Cartão vermelho:** Alê • **Data:** 09/07 • **Juiz:** Clever Assunção Gonçalves • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

12º JOGO

SANTOS 2 X 1 SÃO PAULO

SANTOS Mauro; Paulo César, Ávalos, Hallisson e Carlinhos; Fabinho (Altair), Bóvio, Ricardinho e Giovanni; Basílio (Geílson) e Douglas (Danilo) • **Técnico:** Gallo

SÃO PAULO Flávio; Adriano, Flávio Donizetti e Edcarlos; Jean, Renan, Marco Antonio (Artur), Souza, Hernanes e Fábio Santos; Diego Tardelli (Roger) • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Halisson aos 18min e Hernanes aos 36min do primeiro tempo; Carlinhos aos 43min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Bóvio e Mauro; Jean, Fábio Santos e Roger • **Cartão vermelho:** Ávalos; Flávio Donizetti • **Data:** 17/07 • **Juiz:** Sálvio Spínola Fagundes Filho • **Local:** Estádio da Vila Belmiro, Santos (SP)

13º JOGO

BRASILIENSE 3 X 3 SÃO PAULO

BRASILIENSE Eduardo; Dida, Jairo, Régis e Márcio Careca; Deda, Robston (Tiano), Vampeta (Igor), Marcelinho Carioca e Iranildo; Agnaldo (Alex Oliveira) • **Técnico:** Joel Santana

SÃO PAULO Rogério Ceni; Cichinho, Alex, Fabão e Júnior (Fábio Santos); Mineiro, Josué, Souza (Edcarlos) e Danilo; Amoroso e Diego Tardelli (Hernanes) • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Diego Tardelli aos 6min, Márcio Careca aos 18min e Danilo aos 26min do primeiro tempo; Rogério Ceni aos 6min, Régis aos 17min e Igor aos 48min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Iranildo, Marcelinho Carioca, Régis e Vampeta; Júnior, Fabão e Fábio Santos • **Data:** 20/07 • **Juiz:** Elvécio Zequetto • **Local:** Estádio Boca do Jacaré, Taguatinga (DF)

14º JOGO

SÃO PAULO 0 X 1 SÃO CAETANO

SÃO PAULO Rogério; Cichinho, Fabão, Diego Lugano e Fábio Santos; Josué, Mineiro, Souza (Roger) e Danilo; Amoroso e Diego Tardelli • **Técnico:** Paulo Autuori

SÃO CAETANO Silvio Luiz; Alessandro, Douglas, Neto e Triguinho; Zé Luís, Claudécir (Pingo), Thiago e Canindé (Márcio Richards); Edilson e Dimba (Emerson) • **Técnico:** Dino Camargo

Gol: Canindé aos 33min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Danilo, Souza, Fabão, Josué, Lugano e Mineiro; Alessandro, Neto, Triguinho, Dimba e Claudécir • **Data:** 23/07 • **Juiz:** Luís Marcelo Vicentin Cansian • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)



RECORDE ABSOLUTO
Rogério Ceni usou, diante do Galo, o uniforme que comemorou os seus 618 jogos pelo clube

ATLÉTICO-MG 0 X 0 SÃO PAULO

15º JOGO

ATLÉTICO-MG Danlei; Zé Antônio, Henrique, Leandro Castan e Rubens Cardoso; Rafael Miranda, Walker, Fábio Baiano (Rodrigo Fabri) e Luiz Mário (Euller); Marques e Fábio Júnior (Édson Araújo) • **Técnico:** Tite
SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Edcarlos e Alex; Cichinho, Renan, Josué, Danilo e Júnior; Amoroso (Roger) e Diego Tardelli (Souza)
Técnico: Paulo Autuori

Cartão amarelo: Rubens Cardoso, Henrique e Luiz Mário; Fabão, Cichinho e Alex • **Cartão vermelho:** Danilo • **Data:** 27/07 • **Juiz:** Djalma José Beltrami Teixeira • **Local:** Estádio do Mineirão, Belo Horizonte (MG)

JUVENTUDE-RS 2 X 1 SÃO PAULO

16º JOGO

JUVENTUDE Doni; Rafael, Antônio Carlos e Daniel; Jardel, Bruno Lança, Juliano (Valentim), Caíco (L.Moreno) e Daniel Lins (Jailson); Zé Carlos e Enílton • **Técnico:** Valteir Gomes Franco
SÃO PAULO Rogério Ceni; Cichinho, Diego Lugano, Edcarlos (Roger) e Júnior; Mineiro, Josué (Hernanes), Renan e Souza; Amoroso e Diego Tardelli (Paulo Matos) • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Jardel aos 36min do primeiro tempo; Enílton aos 3min e Lugano aos 34min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Zé Carlos; Edcarlos, Júnior, Cichinho, Amoroso, Renan e Lugano • **Cartão vermelho:** Zé Carlos; Cichinho • **Data:** 31/07 • **Juiz:** Lourival Dias Lima Filho • **Local:** Estádio Alfredo Jaconi, Caxias do Sul (RS)

SÃO PAULO 3 X 3 PALMEIRAS

17º JOGO

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex, Fabão e Diego Lugano; Souza (Hernanes), Mineiro, Josué, Richarlyson, Danilo e Júnior; Amoroso (Roger)
Técnico: Paulo Autuori
PALMEIRAS Sérgio; Leonardo Silva, Gamarra e Daniel (Warley); Baiano (Correa), Marcinho Guerreiro, Reinaldo, Pedrinho (Juninho) e Fabiano; Marcinho e Gioino • **Técnico:** Emerson Leão

Gols: Amoroso aos 33min e aos 35min, Danilo aos 42min e Marcinho aos 48min do primeiro tempo; Gioino aos 37min e Warley aos 43min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Rogério Ceni, Júnior e Fabão; Reinaldo, Marcinho Guerreiro e Daniel • **Data:** 04/08 • **Juiz:** Cléber Wellington Abade • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

SÃO PAULO 0 X 1 GOIÁS

18º JOGO

SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Alex (Souza); Cichinho, Mineiro, Josué (Roger), Richarlyson, Danilo e Júnior; Amoroso • **Técnico:** Paulo Autuori
GOIÁS Harley; Rogério Corrêa (Júlio Santos), André Dias e André Leone; Paulo Baier, Cléber Gaúcho, Danilo Portugal, Rodrigo Tabata e Jadilson (Luciano Almeida); Souza (Cléber) e Roni • **Técnico:** Geninho

Gol: Souza aos 13min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Fabão, Júnior e Amoroso; André Dias, Jadilson, Souza, Júlio Santos e Cléber Gaúcho • **Cartão vermelho:** Richarlyson • **Data:** 07/08 • **Juiz:** Luiz Antônio Silva Santos • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

FIGUEIRENSE-SC 3 X 1 SÃO PAULO

19º JOGO

FIGUEIRENSE Edson Bastos; Cléber, Eloy e Márcio Martins; Dudu (Marquinhos Paraná), Carlos Alberto, Bilu, Fernandes e Michel Bastos; Adriano (Rogerinho) e Alexandre (Sérgio Manoel) • **Técnico:** Zé Mário
SÃO PAULO Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Alex (Alê); Souza, Mineiro, Josué, Danilo (Vélber) e Fábio Santos (Ernanes); Amoroso e Roger • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Amoroso aos 22min, Michel Bastos aos 32min, Adriano aos 33min e aos 39min do primeiro tempo • **Cartão amarelo:** Michel Bastos e Márcio Martins; Josué e Souza • **Data:** 10/08 • **Juiz:** Alicio Pena Junior • **Local:** Estádio Orlando Scarpelli, Florianópolis (SC)

SÃO PAULO 3 X 2 FORTALEZA

20º JOGO

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alex (Vélber), Diego Lugano e Fabão; Mineiro, Josué (Renan), Richarlyson, Danilo e Júnior; Amoroso (Thiago Ribeiro) e Roger • **Técnico:** Paulo Autuori
FORTALEZA Bosco; Amaral (Chiquinho), Nivaldo, Alan e Marquinhos; Marcelo Lopes, Erandir, Mazinho Lima e Lúcio (Alex Afonso); Fumagalli e Marcos Denner (Paulo Isidoro) • **Técnico:** Hélio dos Anjos

Gols: Mineiro aos 2min, Marcelo Lopes aos 14min e Fumagalli aos 38min do primeiro tempo; Amoroso aos 10min e Josué aos 18min do segundo tempo
Cartão amarelo: Alan, Marquinhos, Marcelo Lopes e Richarlyson
Cartão vermelho: Roger • **Data:** 14/08 • **Juiz:** Leonardo Gaciba
Local: Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)



DIEGO LUGANO
Sempre guerreiro: duelo com o jogador do Fortaleza

ATLÉTICO-PR 4 X 2 SÃO PAULO

21º JOGO

ATLÉTICO-PR Diego; Danilo, Paulo André e Douglas; Jancarlos, Alan Bahia, Evandro (Ricardinho), Fabrício (Caetano/André Rocha) e Marcão; Finazzi e Ferreira • **Técnico:** Antônio Lopes
SÃO PAULO Rogério Ceni; Edcarlos, Diego Lugano e Alex; Souza (Thiago Ribeiro), Mineiro, Richarlyson, Danilo e Júnior; Amoroso e Christian (Leandro Bomfim) • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Christian aos 30min e Alan Bahia aos 42min do primeiro tempo; Ferreira aos 7min e aos 12min, Jancarlos aos 43min e Amoroso aos 47min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Marcão e Jancarlos; Souza, Christian, Lugano, Leandro Bomfim e Júnior • **Cartão vermelho:** Jancarlos; Alex • **Data:** 20/08 • **Juiz:** Wagner Tardelli Azevedo • **Local:** Arena da Baixada, Curitiba (PR)

22º JOGO

SÃO PAULO 1 X 1 FLUMINENSE

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alê, Edcarlos, Diego Lugano e Júnior; Mineiro, Richarlyson, Leandro Bomfim (Souza) e Danilo (Vélber); Amoroso e Christian • **Técnico:** Paulo Autuori

FLUMINENSE Kléber; Milton do Ó, Gabriel Santos e Igor; Gabriel, Arouca, Felipe, Petkovic (Juninho) e Juan; Beto (Preto Casagrande) e Leandro (Tuta) • **Técnico:** Abel Braga

Gols: Tuta aos 35min e Amoroso aos 37min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Júnior • **Data:** 24/08 • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

23º JOGO

PARANÁ 0 X 4 SÃO PAULO

PARANÁ Darci; Daniel Marques, Aderaldo e Marcos; Neto, Rafael Muçamba, Mário César (Xaves), Maiocosuel (Thiago Neves) e Vicente; Flávio Alex (Rafael Akai) e Borges • **Técnico:** Lori Sandri

SÃO PAULO Rogério Ceni; Cicinho (Alê), Edcarlos, Diego Lugano e Richarlyson; Renan, Josué, Mineiro e Danilo (Souza); Amoroso (Diego Tardelli) e Christian • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Rogério Ceni aos 31min e Lugano aos 36min do primeiro tempo; Amoroso aos 6 min e Aderaldo (contra) aos 30min do segundo tempo
Cartão amarelo: Aderaldo e Akai; Lugano, Cicinho e Josué Renan
Data: 28/08 • **Juiz:** Leonardo Gaciba da Silva • **Local:** Estádio Willie Davids, Maringá (PR)



MISSÃO CUMPRIDA
Souza, Amoroso,
Christian e Mineiro
(da dir. à esq.)
festejando o
gol da vitória
sobre o
Corinthians
no primeiro
duelo pelo
segundo
turno

24º JOGO

SÃO PAULO 3 X 2 CORINTHIANS

SÃO PAULO Rogério Ceni; Hernanes, Fabão e Edcarlos; Júnior, Renan, Mineiro, Souza (Richarlyson) e Danilo; Amoroso (Alê) e Christian (Diego Tardelli) • **Técnico:** Paulo Autuori

CORINTHIANS Marcelo; Eduardo, Sebá e Betão; Ronny (Dinelson), Marcelo Mattos, Wendel (Bruno Octávio) Roger e Tevez; Nilmar e Jô (Rosinei) • **Técnico:** Márcio Bittencourt

Gols: Nilmar aos 3min e Amoroso aos 29min do primeiro tempo; Souza aos 30min, Rosinei aos 40min e Amoroso aos 43min do segundo tempo
Cartão amarelo: Fabão, Mineiro, Júnior, Amoroso e Diego Tardelli; Sebá, Ronny e Tevez • **Data:** 07/09 • **Juiz:** Edilson Pereira de Carvalho
Local: Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

25º JOGO

CORITIBA 1 X 4 SÃO PAULO

CORITIBA Douglas; James, Flávio, Vágner e Ricardinho (Souza); Reginaldo Nascimento, Douglas Peruíbe, Capixaba e Jackson; Caio (Alcimar) e Renaldo (Marcelo Peabiru) • **Técnico:** Cuca

SÃO PAULO Rogério Ceni; Cicinho, Edcarlos, Diego Lugano e Richarlyson (Fábio Santos); Renan (Souza), Mineiro, Josué e Danilo; Christian e Diego Tardelli (Hernanes) • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Rogério Ceni aos 20min, Capixaba aos 38min do primeiro tempo; Christian aos 35min, Hernanes aos 38min e Cicinho aos 40min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Vágner e Marcelo Peabiru; Lugano e Cicinho
Cartão vermelho: Fábio Santos • **Data:** 11/09 • **Juiz:** Alicia Pena Jr.
Local: Estádio Couto Pereira, Curitiba (PR)

26º JOGO

SÃO PAULO 4 X 2 VASCO DA GAMA

SÃO PAULO Rogério Ceni; Cicinho, Diego Lugano, Edcarlos e Júnior; Josué, Mineiro, Souza e Danilo (Renan); Amoroso (Diego Tardelli) e Christian (Leandro Bomfim) • **Técnico:** Paulo Autuori

VASCO Roberto; Vergara, Alemão e Igor; Claudemir, Osmar (Elbinho), Amaral (Marco Brito), Abedi (Róbson Luís), Moraes e Diego; Alex Dias
Técnico: Renato Gaúcho

Gols: Amoroso aos 4min e aos 39min, Christian aos 9min e Abedi aos 34min do primeiro tempo; Alex Dias (de pênalti) aos 8min e Rogério Ceni (de pênalti) aos 47min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Cicinho, Mineiro, Josué, Souza, Edcarlos e Lugano; Diego e Amaral • **Cartão vermelho:** Diego • **Data:** 18/09 • **Juiz:** Heber Roberto Lopes • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

27º JOGO

CRUZEIRO 1 X 3 SÃO PAULO

CRUZEIRO Artur; Maurinho, Marcelo Batatais, Moisés e Anderson (Tadeu); Diogo, Maldonado, Wagner e Kelly; Alecsandro e Diego (Francismar)
Técnico: Paulo César Gusmão

SÃO PAULO Rogério Ceni; Cicinho, Flávio Donizetti, Diego Lugano e Júnior; Mineiro, Josué, Richarlyson (Diego Tardelli), Souza e Danilo; Christian (Renan)
Técnico: Paulo Autuori

Gols: Kelly aos 16min do primeiro tempo; Diego aos 10min, Flávio Donizetti aos 12min, Christian aos 16min e Rogério Ceni (de pênalti) aos 26min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Diego • **Data:** 21/09 • **Juiz:** Evandro Rogério Roman • **Local:** Estádio Mineirão, Belo Horizonte (MG)

28º JOGO

SÃO PAULO 4 X 1 PAYSANDU

SÃO PAULO Rogério Ceni; Cicinho, Diego Lugano, Edcarlos e Júnior; Mineiro, Josué, Danilo e Souza (Roger); Christian (Hernanes) e Diego Tardelli (Leandro Bomfim) • **Técnico:** Paulo Autuori

PAYSANDU Alexandre Fávaro; Jamur, Marquinhos, Luiz Henrique e Cléber (Felipe Saad); Marabá, Vânderson, Luís Augusto e Gian (Balão); Rodrigo (Rafael Moura) e Róbson • **Técnico:** Gilson Kleina

Gols: Danilo aos 11min do primeiro tempo; Christian aos 7min, Lugano aos 15min, Balão aos 39min e Danilo aos 45min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Diego Tardelli, Cicinho e Roger • **Data:** 24/09 • **Juiz:** Willian Marcelo de Souza Néri • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

29º JOGO

BOTAFOGO 1 X 1 SÃO PAULO

BOTAFOGO Max; Ruy, Rafael Marques, Emerson e Rogério Souza; Jonilson, Diguinho, Juca (Ricardinho) e Ramon; Alex Alves (Glauber) e Guilherme (Caio) • **Técnico:** Celso Roth

SÃO PAULO Rogério Ceni; Hernanes (Leandro Bomfim), Edcarlos, Diego Lugano e Júnior; Mineiro, Josué, Souza e Danilo; Christian e Amoroso (Diego Tardelli) • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Christian aos 17min do primeiro tempo; Caio aos 19min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Rafael Marques e Jonilson; Hernanes e Lugano • **Data:** 02/10 • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon • **Local:** Estádio Luso-Brasileiro, Rio de Janeiro (RJ)

30º JOGO

INTERNACIONAL-RS 3 X 0 SÃO PAULO

INTERNACIONAL Clemer; Élder Granja (Ceará), Edinho, Ediglê e Jorge Wagner; Edmílson, Tinga, Perdigão e Márcio Mossoró (Wellington); Fernandão e Rafael Sóbis • **Técnico:** Muricy Ramalho

SÃO PAULO Rogério Ceni; Cicinho, Edcarlos, Alex e Júnior; Mineiro, Josué (Leandro Bomfim), Souza (Diego Tardelli) e Danilo; Christian e Amoroso (Tiago) • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Fernandão aos 11min e aos 14min do primeiro tempo; Rafael Sóbis aos 48min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Edmílson e Élder Granja; Danilo, Amoroso, Christian e Júnior • **Data:** 06/10 • **Juiz:** Alício Pena Junior • **Local:** Estádio Beira-Rio, Porto Alegre (RS)

31º JOGO

SÃO PAULO 3 X 2 PONTE PRETA

SÃO PAULO Rogério Ceni; Souza (Richarlyson), Fabão, Edcarlos e Júnior; Renan (Thiago), Mineiro, Josué e Danilo; Amoroso (Alex) e Christian • **Técnico:** Paulo Autuori

PONTE PRETA Lauro; Rissut, Galeano, Preto e Bruno; Ângelo, André Silva, Piá (Evando) e Élson; Tico (Carlinhos) e Romeu (Zé Carlos) • **Técnico:** Estevam Soares

Gols: Mineiro aos 8min, Christian aos 10min e Fabão (contra) aos 22min do primeiro tempo; Zé Carlos aos 24min e Júnior aos 41min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Renan, Fabão e Danilo; Alex, Tico e André Silva • **Cartão vermelho:** Fabão; Rissut • **Data:** 11/10 • **Juiz:** Wilson Luiz Seneme • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

COPA SUL-AMERICANA

1º JOGO

INTERNACIONAL-RS 2 X 1 SÃO PAULO

INTERNACIONAL Clemer; Índio (Bolívar), Edinho e Wilson; Élder Granja (Edmílson), Gavilán, Perdigão, Jorge Wagner e Alex; Rafael Sóbis (Gustavo) e Fernandão • **Técnico:** Muricy Ramalho

SÃO PAULO Rogério Ceni; Alê, Edcarlos e Diego Lugano; Souza (Leandro Bomfim), Renan, Mineiro, Richarlyson e Júnior (Fábio Santos); Vélber (Diego Tardelli) e Thiago • **Técnico:** Paulo Autuori

Gols: Élder Granja aos 35min e Mineiro aos 39min do primeiro tempo; Gustavo aos 13min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Perdigão, Wilson e Alex; Souza, Alex e Alê • **Data:** 17/08 • **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas • **Local:** Estádio Beira-Rio, Porto Alegre (RS)

2º JOGO

SÃO PAULO 1 X 1 INTERNACIONAL-RS

SÃO PAULO Rogério Ceni; Souza (Hernanes), Fabão, Diego Lugano e Júnior; Renan, Mineiro, Josué e Leandro Bomfim (Richarlyson); Amoroso e Christian (Diego Tardelli) • **Técnico:** Paulo Autuori

INTERNACIONAL Clemer; Índio, Edinho e Wilson; Élder Granja, Gavilán, Perdigão, Tinga (Wellington) e Jorge Wagner; Fernandão e Rafael Sóbis • **Técnico:** Muricy Ramalho

Gols: Souza aos 43 min do primeiro tempo; Fernandão (de pênalti) aos 14 min do segundo tempo • **Cartão amarelo:** Lugano, Renan, Júnior e Souza; Edinho • **Data:** 01/09 • **Juiz:** Héber Roberto Lopes • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

20 Anos

Embu - SP
4704 6644
4704 6221



Ensino Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio

Matriculas
Abertas

anglo
SISTEMA DE ENSINO

Juvenil faz bonito no Japão



FOTOS DIVULGAÇÃO

Jogadores e comissão técnica

O São Paulo Futebol Clube conquistou, em agosto, o troféu de vice-campeão do VI Torneio Mundial de Futebol Juvenil. Realizada em Shizuoka, no Japão, a competição contou com a participação das equipes FC Lok (Alemanha), FC Barcelona (Espanha), AC Sparta Praga (República Tcheca) e dos selecionados de Zhejiang (China), Jeju-do (Coreia), Baja Califórnia (México) e da cidade local, que foi dividida em cinco times: Centro Leste, Centro Oeste, Leste, Central e Oeste.

A equipe brasileira estreou com uma goleada histórica: 14 a 0 sobre os chineses do Zhejiang. O Tricolor também venceu as partidas seguintes. Bateu os japoneses do Shizuoka Oeste por 4 a 0, os coreanos do Jeju-do por 9 a 0 e os alemães do FC Lok por 11 a 0. Nas semifinais, ganhou apertado da equipe japonesa do Shizuoka Central por 1 a 0, o que lhe garantiu presença na final. No último confronto, porém, o São Paulo acabou derrotado pelos espanhóis do Barcelona: 3 a 2.

O time vice-campeão foi formado pelos jogadores Marcos Paulo, Willy Henrique, Caio Martins, Paulo Henrique Pereira, Aguinaldo Gomes, Lucas Traldi, Felipe Augusto, René da Silva, Paulo Henrique Miranda, Hugo Ventura, João Felipe, Éderson Moraes, Douglas Bergamin, Alex Silva, Gilberto Gonzaga, Fernando Conceição, Ronaldo de Jesus e Altair Júnior, dirigidos pelo técnico Antônio Rodrigues.

Craques do futuro

O Tricolor organizou, em julho, a IV Copa São Paulo Center. Participaram do evento, realizado em Curitiba, mais de 900 alunos das escolas licenciadas do clube. Na categoria 94, a equipe de Ribeirão Preto conquistou o torneio. Além disso, teve o artilheiro, Gustavo H. Furtado, e o goleiro menos vazado, Humberto Garcia. Na 93, o time vencedor foi o de Brasília, seguido por Ribeirão Preto e Jundiaí. Na categoria 92, os campeões foram a escola da Freguesia do Ó, que contou com o goleador da competição, Mike Vitor. Na 91, o pessoal de Sorocaba levou a melhor, deixando o de Brasília e o da Freguesia do Ó em segundo e terceiro lugares, respectivamente.



Brasília



Ribeirão Preto



Sorocaba



Freguesia do Ó

Roupa nova

A Reebok, empresa que fornece material esportivo às equipes da NBA, liga profissional de basquete dos EUA, vai vestir o Tricolor no ano de 2006. Num acordo feito no início de outubro, a gigante americana firmou contrato por três anos com o São Paulo. O parceria prevê que o tricampeão da Libertadores terá exclusividade da fornecedora no Estado de São Paulo. Além disso, será construída uma loja para a comercialização de produtos ligados ao clube no Estádio do Morumbi. Existe ainda a intenção de criar uma linha fashion de artigos com a marca do time.



Ídolo de muitos outros

Um dos maiores jogadores de futebol do País faleceu em 28 de julho de 2005. Trata-se de Jair Rosa Pinto, vice-campeão pela seleção brasileira na Copa de 1950. O ex-atleta, que defendeu muitas equipes, estava internado no Hospital da Lagoa, na zona sul da capital fluminense, onde se recuperava de cirurgia no abdome, mas acabou morrendo de embolia pulmonar.

Jair nasceu no dia 21 de março de 1921, na cidade de Quatis, no Rio de Janeiro, e teve uma das mais longas e brilhantes carreiras do futebol brasileiro. Magricela e de pernas finas, surpreendia os adversários com fortíssimos chutes de canhoto, que eram o terror dos goleiros das décadas de 40 e 50. O meio-campista começou no Madureira, formando um trio de sucesso com Lele e Isaías. Ainda lá receberam o apelido de "Os Três Patetas". Rapidamente, chegaram à seleção brasileira.

Em 1943, transferiu-se para o Vasco da Gama. No clube, dois anos mais tarde, foi campeão carioca invicto. Naquele time, atuou ao lado de craques como Barbosa, Ademir Menezes, Danilo Alvim e Chico. A equipe cruzmaltina passou a ser chamada de "Expresso da Vitória".

Cinco anos após aportar em São Januário, o atleta, em uma transferência milionária e polêmica, foi atuar no Flamengo. Na Gávea, preencheu o lugar deixado por Zizinho, negociado com o Bangu. Em 1949, numa decisão contra o arqui-rival, a torcida rubro-negra o acusou de ter facilitado as coisas na derrota por 5 a 2. Essa situação fez o jogador mudar-se para São Paulo, onde defendeu o Palmeiras, time pelo qual conquistou um Paulista e a Copa Rio, realizada em 1951. Em 1956, foi para o Santos numa troca que envolveu o zagueiro Formiga. No Peixe, foi bicampeão estadual. O jogador ainda defendeu as cores do São Paulo Futebol Clube (*abaixo*) antes de pendurar as chuteiras, aos 43 anos, na Ponte Preta.



JAIR ROSA PINTO

Nascimento: 21/03/1921

Local: Quatis/RJ

Posição: Meia-atacante

Clubes: Madureira-RJ, Vasco-RJ, Flamengo-RJ, Palmeiras-SP, Santos-SP, São Paulo e Ponte Preta-SP

Alguns títulos:

Campeonato Carioca (1945-Vasco), Copa América (1949-seleção) e Campeonato Paulista (1956 e 1958-Santos)

DIVULGAÇÃO

Na voz de Paulo Planet

CFA

Espaço dedicado às categorias de base do Tricolor



RUBENS CHIRI

Centro de Treinamento

Dentre as conquistas, os feitos, mais recentes do São Paulo, além, claro, do Tricampeonato da Libertadores da América, que nos colocará, em dezembro, frente a frente aos campeões da Europa e da Ásia, para definição, efetiva, de quem é, afinal, o campeão mundial interclubes, impossível ignorar outra importantíssima realização da administração do nosso clube, que revela a preocupação constante dos seus dirigentes, de todos os tempos, em, sempre, buscar o progresso patrimonial, aliado aos interesses futebolísticos, que são, enfim, o nosso grande objetivo final.

Nossa revista publica ampla reportagem sobre o que seja e ainda será, de forma mais completa, a nossa praça de treinamento, até mesmo de concentração dos nossos jogadores, mas mais especificamente onde se selecionarão e se prepararão, como nosso passado, nossos futuros astros, numa área de mais de 200 mil metros quadrados, onde já estão instalados quatro campos de futebol, sede, aparelhagem adequada para ministrar aos meninos, aos jovens, que nos procurem para virem a ser futuros astros da seleção nacional. Enfatizo, contudo, o que isso efetivamente representa, ou seja, um enorme passo na direção do futuro, que nem sempre é a preocupação dos que dirigem, ao contrário do que sempre sucedeu no São Paulo. Ali, nas imediações ou mesmo no âmbito do município de Cotia, instalou-se, plantou-se uma nova imensa "fábrica" de craques, para onde afluirão centenas, milhares de meninos em busca da sua própria glória futebolística.

Para completar essa missão fantástica, restaria, ainda, uma outra importante providência. Encaminhar-se alguém que veja, que enxergue, que entenda de futebol à África para de lá trazer, para o nosso convívio, uma dezena, pelo menos, de meninos, pois há ali, sem dúvida, um enorme manancial de autênticos craques, como prova o fato de termos no futebol da Espanha, da Inglaterra, da Itália, da Holanda contingente significativo de jogadores que nasceram e se fizeram na pobreza africana, que está à espera do mundo do futebol do Brasil.



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

A festa e as idéias

Hoje a festa é sua/Hoje a festa é nossa/É de quem quiser. Na globalização do mundo, exprimindo a alegria de um novo ano, cantores, atores, humoristas, comentaristas, locutores, diretores, produtores, figurantes e tantos outros, que, durante o tempo todo, competem arduamente por um papel na novela, na locução de um jogo de futebol, na apresentação de um programa, no aparecimento de um show ou em outras situações de sua vida profissional, confraternizam, ainda que virtualmente, para passar uma mensagem de união, para um conagração de amizade e alegria. Mensagem que inspirou a reunião do dia 26 de setembro, quando o Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, em seus salões, homenageou aqueles que, administrando-o ou representando-o nas disputas esportivas, atingiram o galardão de campeão em 2005, ano que, por enquanto, muitas alegrias trouxe aos seus torcedores, mas que muito mais trará até seu fim. Atletas e administradores foram os reais vencedores das disputas em que se envolveram neste ano.

Não há como contestar que, depois de 12 anos de ter levantado a Taça Toyota de campeão do mundo, o São Paulo aparece, no ranking da International Federation of Football History (IFFHS), como um dos dez maiores clubes do planeta. Em verdade, em nono lugar, mas como o primeiro das Américas. Para não dizer que, na classificação da ESPN World Club Top 25, o São Paulo ocupa a terceira colocação. Também não há como negar que se caracterizou por ser o primeiro clube brasileiro a ter o nome inscrito por três vezes na Copa Toyota Libertadores, mais citada na mídia esportiva como Taça dos Libertadores da América, no mesmo ano em que levantou o Campeonato Paulista de futebol profissional, talvez o certame regional mais importante do mundo.

Além de tudo isso, houve a inauguração do Centro de Formação de Atletas Presidente Laudo Natel, em Cotia, lugar magnífico pela beleza da natureza e pela excelência das instalações. Com o conforto, a assistência médico-odontológica e o acompanhamento psicológico e educa-

cional oferecidos, o clube forma não só atletas, mas pessoas responsáveis e saudáveis. É um importante papel a ser cumprido para que o São Paulo devolva à sociedade o que dela recebe como incentivo. Isso é a certeza de um porvir de novos e promissores jogadores para o time principal. Tais realizações que se concretizaram em um julho que denominei de histórico foram a razão maior, ao lado das outras conquistas, para um conagração de todos os conselheiros. Entretanto, por que essas obras, que alguns afirmaram terem sido feitas por todos, não foram festejadas por todos? Considerando a inexistência de razões para desconhecer ou não aceitar as realizações do presidente Marcelo Portugal Gouvêa e as

criando um contraste com a turma do boxe e do futebol. Parabéns, portanto, também aos dirigentes do Departamento de Esportes Amadores, sem os quais o evento não teria acontecido. Foi uma noite que aproximou dirigentes, cartolas como são chamados por uma crônica pouco elucidada, e atletas, que puderam conviver amistosamente e se conhecer melhor. Deveria ser uma festa para toda a coletividade tricolor, para os 20 mil associados, para os milhões de torcedores. Todavia, no salão, todos eles não caberiam e, portanto, os seus representantes, os conselheiros, foram convidados. A presença deles traduziu toda a coletividade tricolor. Foram chamados também para cada um receber de surpresa, como uma lembrança, um distintivo que os

que valorizam o Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, mas leva à culpa. E no Código Penal se aprende que não só os médicos são apenados por crimes culposos. E, fora do Código Penal, nos crimes de responsabilidade, o dolo não é fundamental. Por analogia, essência do raciocínio jurídico, será possível considerar algo similar a um delito de responsabilidade negar-se a comparecer a uma reunião, ainda mais quando existe a presunção de alguns poderem apresentar uma idéia e um trabalho melhor. Presunção e água benta não fazem mal a ninguém, isto aprendi nos meus longínquos tempos de criança com meu pai, e ainda mais, por que não, podendo essa presunção trazer o projeto de que o clube necessita.

A festa já passou, mas o tempo é bastante para a discussão das idéias. Aqueles que não puderam, por tantas e inúmeras razões, ou que simplesmente não quiseram comparecer aos festejos talvez, paulinamente, possam trazer seus pensamentos e seus conhecimentos para construir um projeto que só tem como objetivo um São Paulo Futebol Clube maior e melhor. Seja a proposta de quem for.

A palavra final será oferecida pelo Conselho Deliberativo em decisão soberana, que não obrigatoriamente de consenso, mas estatutariamente estabelecida pela maioria dos conselheiros. Talvez seja possível nesse dia haver uma festa cívica, comemorando um avanço que apenas o São Paulo, um clube considerado diferente, pode apresentar. É preciso que seja diferente não só em palavras vazias, em eloquência de oratória, mas em realizações concretas, avançadas e modernas. Aqui fica mais um convite: "... É de quem quiser", indiscriminadamente, colaborar para que essa meta seja alcançada não por alguns, mas por todos que, de uma maneira ou de outra, desejam o progresso do São Paulo Futebol Clube.



O conagração aproximou atletas e dirigentes

conquistas do vice-presidente de futebol, Juvenal Juvêncio, e que aos "vencedores as batatas" ou os aplausos e a placa comemorativa, cabe uma indagação, precedida de uma divagação que se impõe, relacionando a agremiação com o País. O momento vivido pela nação oferece uma lição sábia. Cuidar do partido em vez de cuidar do País não é o caminho a ser imitado. Esse fato se assemelha ao seguinte comportamento: "Se quem convida não é do meu grupo, eu não vou". Mas quem convidou foi o Conselho Deliberativo, órgão soberano que é representativo da coletividade de associados do clube. Qual a razão de afastar-se dessa comemoração? É verdade que dizem que a ausência de alguns traz a alegria da festa. Mas isso não deve ser o lema. Mesmo porque na reunião não se tratou somente do futebol. As moças da aeróbica, do handebol e da patinação, com sua graça e beleza, enfeitaram o ambiente,

marcará como conselheiros, uma peça exclusiva que não representa uma jóia inigualável pelo valor financeiro, mas, sim, por seu intrínseco significado. Alguns, porém, negaram-se a representar aqueles que os elegeram, como se negam a discutir idéias: "Não sei do que se trata, mas sou contra". É como se as idéias não fossem discutíveis e os primeiros proponentes tivessem patente pela iniciativa. Isso é o que ocorre com a proposta de discutir um projeto que nada tem de eleitoreiro e que poderá oferecer normas para uma gestão administrativa baseada em conceitos modernos com um planejamento estratégico, controle de gastos, caixa e provimento orçamentário. Isso conduzirá o clube ao futuro, independentemente de quem vier a dirigi-lo.

Assim como não compareceram à festa, não se apresentam para a discussão. A omissão não leva ao dolo, *premissa vênia*, como gostam de exprimir-se os ilustres juristas



Affonso Renato Meira é presidente do Conselho Deliberativo.

Dentre os brasileiros, é o primeiro

O São Paulo continua sendo o melhor clube nacional no ranking da Federação Internacional de História e Estatística do Futebol (IFFHS). Mesmo depois de atravessar problemas no Campeonato Brasileiro, o Tricolor subiu uma posição na tabela da entidade. Antes, ocupava o nono lugar. Agora, aparece em oitavo. A liderança é da Internazionale de Milão. Na seqüência, vem o Liverpool, que também disputará o Mundial Interclubes em dezembro. O Milan surge em terceiro.

- | | |
|---|--|
|  1. Inter de Milão (ITA)
308 pontos |  6. Newcastle United (ING)
249 pontos |
|  2. Liverpool (ING)
292 pontos |  7. Villarreal (ESP)
241 pontos |
|  3. AC Milan (ITA)
272 pontos |  8. SÃO PAULO (BRA)
238 pontos |
|  4. Manchester United (ING)
263 pontos |  9. Auxerre (FRA)
237 pontos |
|  5. Bayern de Munique (ALE)
261 pontos |  10. PSV Eindhoven (HOL)
237 pontos |

DIVULGAÇÃO



A comitiva do clube visitou o SPFC

Presidente do Ypiranga recebe homenagem

Dirigentes do Clube Atlético Ypiranga visitaram o São Paulo em 19 de julho. Na oportunidade, foi oferecido um almoço por José Augusto Bastos Neto, presidente do Conselho Consultivo tricolor, à comitiva. O evento contou com a presença de conselheiros são-paulinos. Na ocasião, Roberto Nappi, presidente do CAY, foi homenageado com uma camisa do Tricampeonato da Libertadores autografada pelos atletas tricolores.



The Hill
Residence

O hotel mais próximo do Morumbi
Tarifas especiais para são-paulinos

Av. Giovanni Gronchi 5201
V. Andrade São Paulo S.P.
Tel: 11-37446788
Fax: 11-37448641
www.thehill.com.br
thehill@thehill.com.br

Você sabe o que é pepino?

Na vigência da Lei do Passe muitos profissionais recebiam tentadoras propostas para mudarem de times, mas não tinham condições para romper o vínculo que os prendiam aos clubes de origem, especialmente quando se tratava do envolvimento de equipes com grande rivalidade. Falava-se abertamente que o passe representava verdadeira escravidão para o jogador profissional.

Outros diziam que o passe era um mal necessário a fim de manter a estabilidade do elenco de uma agremiação de futebol profissional, sem quebra do nível técnico, como ocorre hoje. Geralmente era uma relação sólida, confortável e duradoura, salvo raras exceções.

Se para alguns grandes clubes a venda do passe era apenas uma excelente fonte de receita, para os pequenos clubes do interior, ou de menor projeção, a negociação periódica de suas estrelas nascentes era a única salvação para fazer o equilíbrio de suas contas.

Com a queda da Lei do Passe, nossos clubes - grandes e pequenos - ficaram à deriva e quase à beira da falência, especialmente aqueles que se mantinham em razão da venda de suas grandes estrelas, ou jovens promessas formadas em suas divisões menores.

Era, e ainda é, muito difícil harmonizar o interesse das partes (o comprador, o vendedor e o produto) com a paixão da torcida, o que ensejou o surgimento do empresário.

Essa mesma dificuldade, aliás, foi que deu origem à "ponte". Um esquema armado por alguns clubes para "repatriar" profissionais que jamais seriam negociados diretamente com o seu rival.

Hoje está mais fácil. Basta aguardar o término do contrato para estabelecer um novo vínculo. Que também pode ser quebrado, desde que se pague a multa estipulada no contrato. Acabou-se a estabilidade do relacionamento, numa visão mais ampla.

Não vamos entrar no mérito se as mudanças introduzidas pela Lei Pelé melhoraram ou pioraram a situação dos clubes, dos jogadores e/ou do próprio futebol profissional. Cada caso é um caso.

No entanto, a impressão que fica é que aqueles casamentos cheios de pompas, com véus e grinaldas, tapetes vermelhos e bandas de música, não existem mais. Os caminhos estão mudados, a paisagem é outra, completamente diversa. Entramos num labirinto em que parece não haver saída a curto ou médio prazo.

Raríssimos são os profissionais que conseguem se manter no clube onde iniciaram a carreira, ou onde despontaram para a glória, durante toda sua trajetória profissional. Esses casos só ocorrem com remanescentes daquele restrito grupo de profissionais que escolhem a camisa que vestem pela cor. A grande maioria prefere escolher a sua pelo número.

Nada contra isso. O regime é profissional e cada um age de acordo com seus interesses, ou de seus empresários.

Casos como os de Oberdã e Lima, no Palmeiras; Wladimir, no Corinthians; Teixeira, Poy e Rogério Ceni, no São Paulo - para não ir

muito longe -, são exemplos típicos de profissionais que escolhem ou escolheram suas camisas pela cor de sua preferência. Por isso mesmo são amados e reverenciados por suas torcidas. Fazem parte daquele pequeno grupo que possui duas famílias. Um clube de futebol é a segunda família para uma infinidade de torcedores. E até para alguns dirigentes que não conseguem se desvincular do cargo sem aquele sentimento de vazio.

Não há nada, em todo o planeta, que possa despertar nas pessoas um sentimento mais forte e mais sólido do que o futebol.

Ainda recentemente vimos um torcedor, na plenitude do seu vigor físico, chorando como uma criança que acabasse de perder a mãe, desesperado, agarrado à tela do alambrado do Pacaembu, porque seu time do coração acabava de ser derrotado por um de seus maiores rivais, por um escore acachapante. Frequentemente são os mesmos que, quando ganham, perdem completamente a noção de equilíbrio e saem por aí contando grandezas e azucrinando os torcedores do adversário, provocando badernas de consequências imprevisíveis.

A derrubada da Lei do Passe resolveu alguns problemas, mas provocou o surgimento de outros que ainda não foram devidamente equacionados.

Com o advento da Lei Áurea (como é chamada ironicamente por muitos a lei de iniciativa de Pelé) surgiu a figura dos "Direitos federativos", que são, na verdade, uma faca de dois gumes. Ou o clube faz um longo e meticuloso contrato com suas jovens "promessas", contraindo enormes responsabilidades, estipulando cláusulas penais prevendo altas multas, ou corre o risco de vê-las voando para a Europa ou para seus rivais daqui mesmo, sem receber nada ao término do compromisso.

Da opção feita, pode resultar aquilo que algumas vezes se transforma no que se convencionou chamar de "pepino". Todos os clubes possuem sua plantação de pepinos. Sabem bem o que representa um pepino, especialmente quando ele é "badalado" pelos integrantes de sua platéia particular constituída pelos candidatos a empresários. Estes não têm acesso à Tesouraria, onde se elaboram as folhas de pagamento. Nem entendem sobre o cultivo de pepinos. Mas são eles que adubam e cuidam da irrigação.

Alguns dirigentes estão se matriculando em cursos de futurologia para tentar solucionar o problema. Deus queira consigam. O futebol brasileiro aguarda uma solução.



Guaracy Sampaio



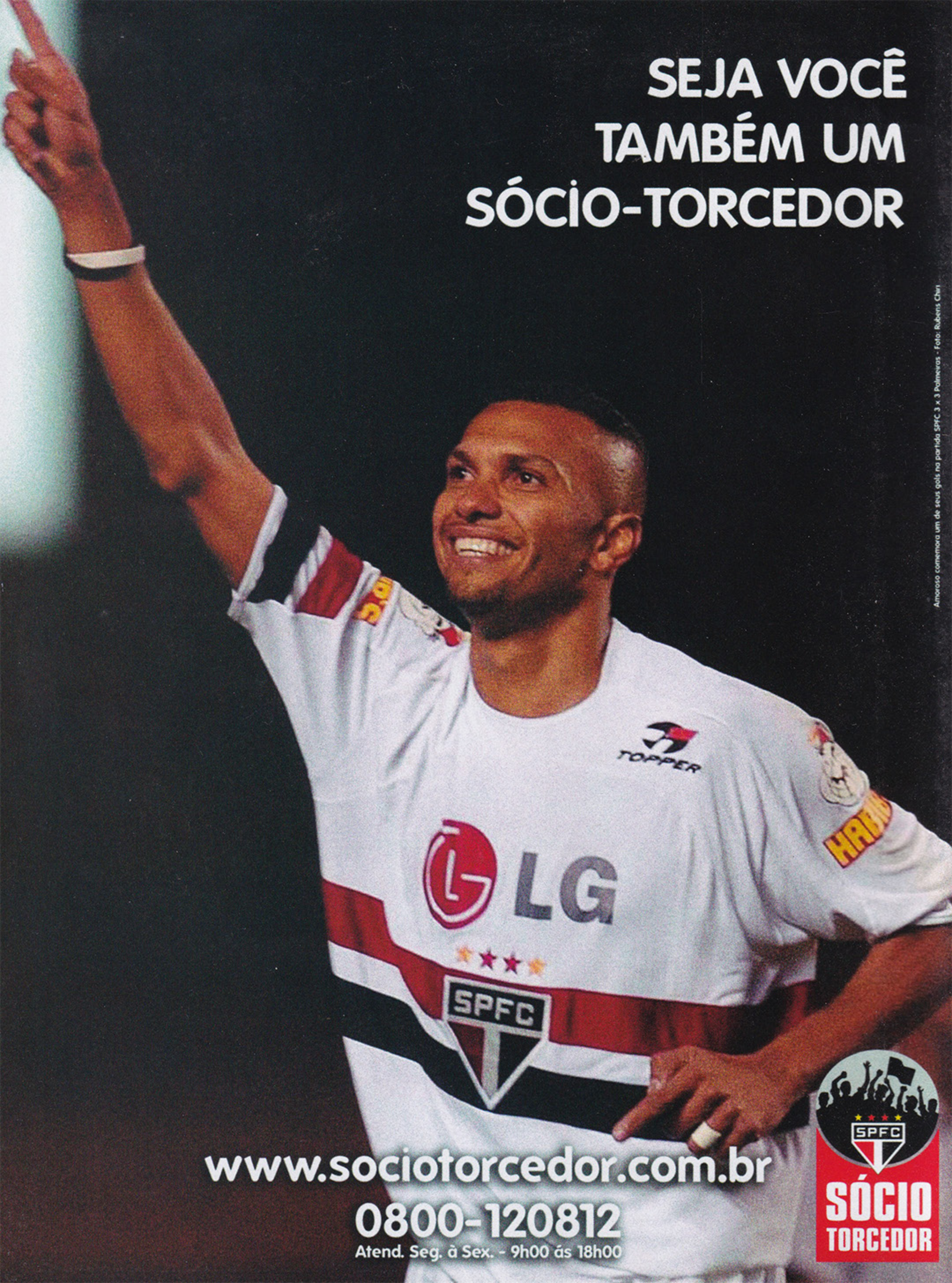
FOTOS RUBENS CHIRI / ARTE RCMAC

**Venha ser parceiro do São Paulo.
Licencie seu produto ao lado
de uma marca campeã**

**Maiores informações: Diretoria de Marketing
(11) 3749-8065 ou marketing@saopaulofc.net**



SEJA VOCÊ
TAMBÉM UM
SÓCIO-TORCEDOR



Amoroso comemora um de seus gols na partida SPFC 3 x 3 Palmeiras - Foto: Rubens Chri

www.sociotorcedor.com.br

0800-120812

Atend. Seg. à Sex. - 9h00 às 18h00



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ